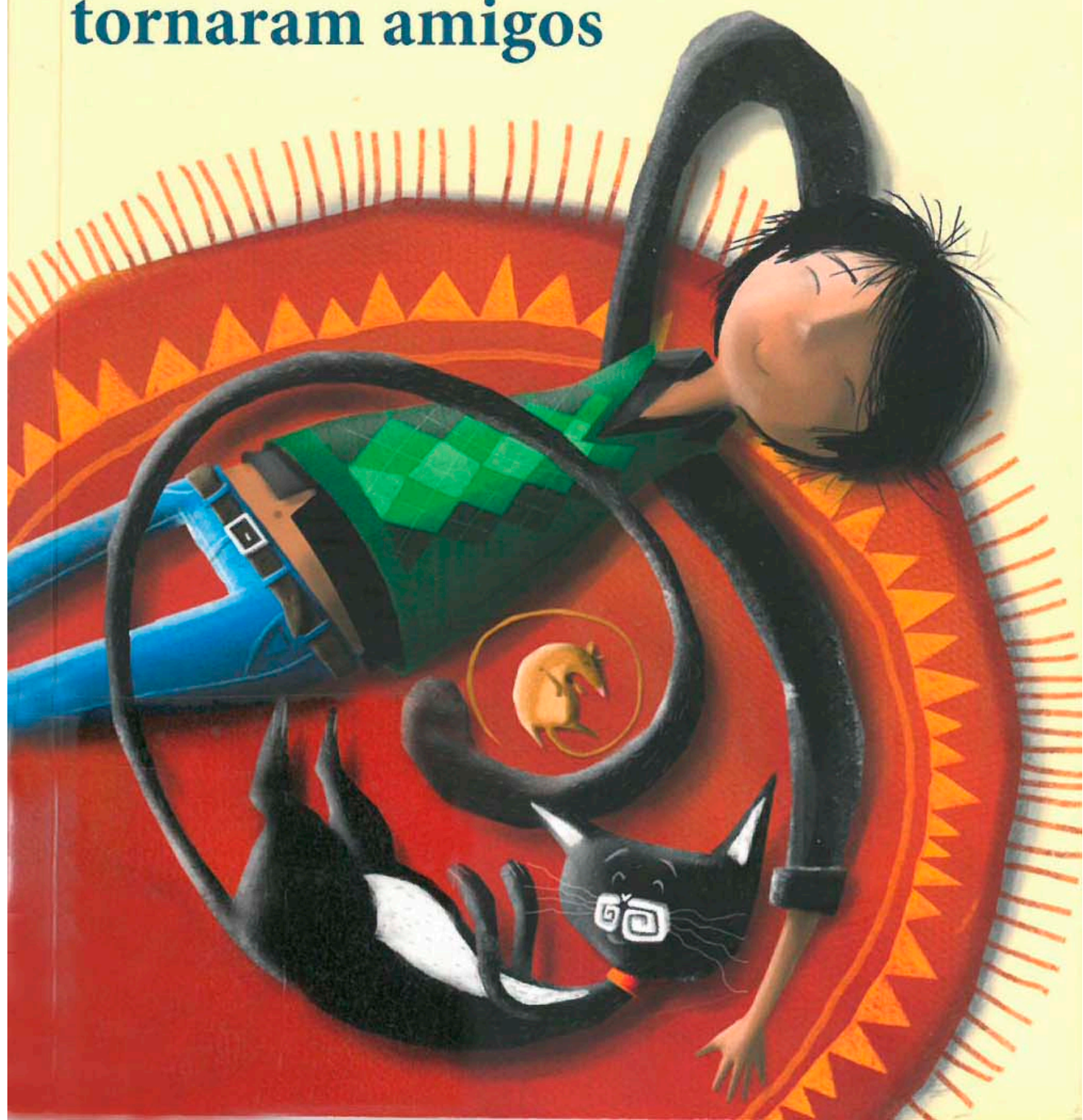
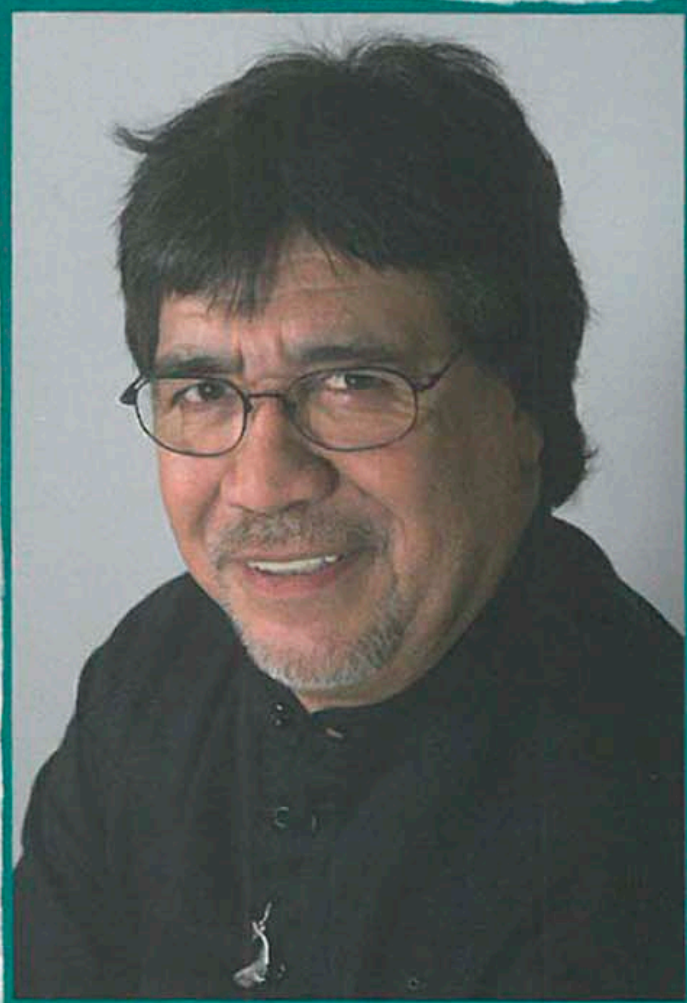


# Luis Sepúlveda

**História de um gato  
e de um rato que se  
tornaram amigos**







©Daniel Mordzinski

Luis Sepúlveda nasceu em Ovalle, no Chile, em 1949. Da sua vasta obra (toda ela traduzida em Portugal), destacam-se os romances *O Velho que Lia Romances de Amor* e *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*. Mas *Mundo do Fim do Mundo*, *Patagónia Express*, *Encontros de Amor num País em Guerra*, *Diário de um Killer Sentimental* ou *A Sombra do que Fomos* (Prémio Primavera de Romance em 2009), por exemplo, conquistaram também, em todo o mundo, a admiração de milhões de leitores.

LUIS SEPÚLVEDA

HISTÓRIA DE UM GATO  
E DE UM RATO  
QUE SE TORNARAM AMIGOS

Ilustrações de Paulo Galindro

Tradução de Helena Pitta

Para os meus netos e netas, Camila, Daniel,  
Gabriel, Aurora e Valentina.

Luis Sepúlveda

À vida.  
Aos laços invisíveis que a todos nos unem.  
Ao meu coração.



## UMAS PALAVRAS SOBRE ESTA HISTÓRIA...

Sempre gostei de gatos. Gosto de todos os animais, mas com os gatos tenho uma relação especial. Há muitos anos, conheci um astrólogo chinês e, embora não creia nos que preveem o futuro, porque sei que cada pessoa é responsável pelo seu destino e cada destino está cheio de surpresas, aceitei que fizesse o meu mapa astral. Depois de me perguntar o local de nascimento, a hora e o dia, desenhou um estranho mapa cheio de símbolos e cálculos misteriosos, ficou meditativo durante algum tempo, e disse finalmente: «Numa das tuas vidas passadas foste um gato feliz, porque eras o gato de um mandarim.»

Reconheço que o facto de ter um antepassado chinês muito, muito afastado, ainda por cima gato de um mandarim, me alegrou. O astrólogo ofereceu-me três pequenos gatos de bronze, três gatos gordos, cada um com um diminuto buraco atrás. «Que nunca lhes falte comida», aconselhou, dando por terminada a consulta.

Sigo o seu conselho até hoje. De quando em quando, coloco nesses buracos uma migalha de biscoitos para gatos, e gosto de pensar que desse modo mantenho uma relação estupenda com os animais.

Gosto de gatos porque são misteriosos, nobres e independentes. Quando conheci o pequeno Mix, o gato que o meu filho, Max, adotou na Sociedade Protetora dos Animais de Munique, fiquei admirado com a sua enorme nobreza, apesar de não ser maior do que a minha mão. Mix cresceu e com ele o meu assombro, porque tinha um focinho diferente de todos os outros gatos. Tinha um perfil estilizado, grego, que chamava a atenção.

Mix, como poderão descobrir na história que se segue, teve um destino estranho que seria a causa de um grande sofrimento para qualquer outro gato, mas ele manteve sempre o seu bom humor, que exteriorizava ronronando; e, quando, como é comum entre os gatos, se ausentava sem deixar de estar presente, envolto no grande mistério que rodeia os gatos, podíamos perceber-lhe uma expressão de grande felicidade.

«Em que pensas, Mix?», perguntei-lhe em várias ocasiões.

Obviamente, nunca obtive resposta, e esta história procura responder essa pergunta, dar voz ao silêncio do gato Mix.

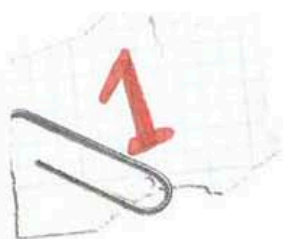
Luis Sepúlveda

Gijón, em finais do verão de 2012







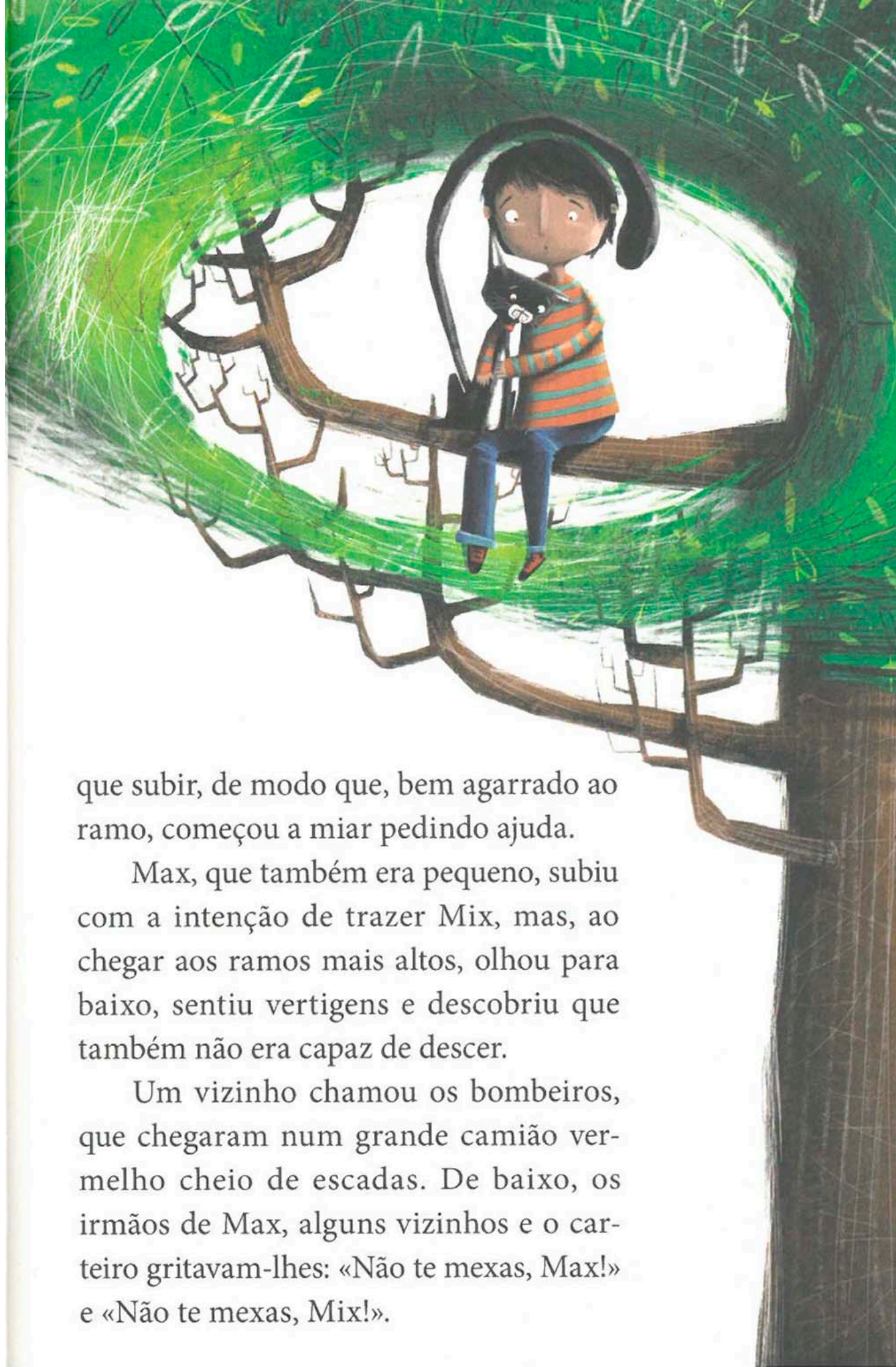


Poderia dizer que Mix é o gato de Max, embora também pudesse afirmar que Max é o humano de Mix, mas a vida ensina-nos que não é justo uma pessoa ser dona de outra pessoa ou de um animal, por isso digamos que Max e Mix, ou Mix e Max, gostam um do outro.

Max e Mix, ou Mix e Max, viviam numa casa em Munique, e a casa ficava numa rua ladeada de castanheiros altos, belas árvores que davam uma boa sombra no verão e que sempre foram a grande alegria de Mix e a grande preocupação de Max.

Quando Mix era pequenino, num descuido de Max e dos irmãos, foi até à rua, sentiu o apelo da aventura, trepou até ao ramo mais alto de um castanheiro e, uma vez lá em cima, descobriu que descer era mais difícil do





que subir, de modo que, bem agarrado ao ramo, começou a miar pedindo ajuda.

Max, que também era pequeno, subiu com a intenção de trazer Mix, mas, ao chegar aos ramos mais altos, olhou para baixo, sentiu vertigens e descobriu que também não era capaz de descer.

Um vizinho chamou os bombeiros, que chegaram num grande caminhão vermelho cheio de escadas. De baixo, os irmãos de Max, alguns vizinhos e o carteiro gritavam-lhes: «Não te mexas, Max!» e «Não te mexas, Mix!».



O chefe dos bombeiros tinha um capacete reluzente e, antes de subir pela escada extensível, quis saber quem se chamava Max e quem se chamava Mix.

Enquanto isso, no ramo mais alto do castanheiro, Max agarrava-se a Mix e dizia-lhe: «Que grande confusão causámos, Mix, promete-me que não voltas a trepar até aos ramos mais altos de uma árvore sem antes teres aprendido a subir e a descer dos ramos mais baixos.»

Isto foi o que Max lhe disse no ramo mais alto do castanheiro, porque Mix era seu amigo e

OS AMIGOS ENTREAJUDAM-SE,

ENSINAM-SE MUTUAMENTE,

PARTILHAM AS VITÓRIAS E OS ERROS.



Já no chão, Max e Mix receberam alguns conselhos do chefe dos bombeiros e voltaram para casa cobertos de pólen do castanheiro.



2

Mix cresceu. Transformou-se primeiro num jovem e belo gato de pelo negro no dorso e branco na barriga e, mais tarde, num gato adulto, forte e vigoroso.

Max também cresceu e transformou-se num adolescente que todas as manhãs ia de bicicleta para a escola, mas que, antes de sair, limpava a caixa de areia de Mix e enchia-lhe um prato com a ração favorita, a de sabor a peixe.



Max cuidava de Mix e Mix cuidava da despensa, para que os ratos não se aproximassem da embalagem de cereais com chocolate, os preferidos de Max.

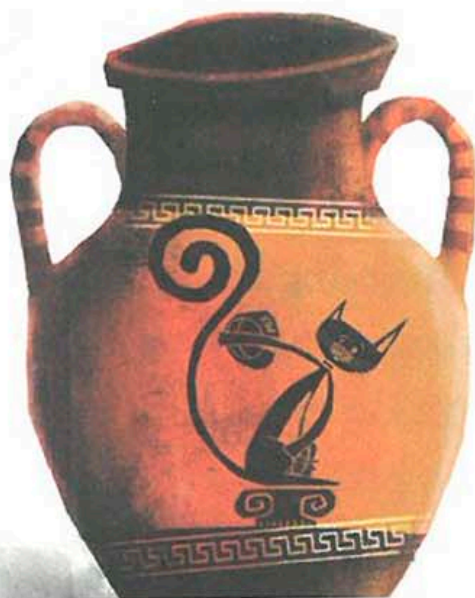
Embora não houvesse ratos lá em casa, Mix cumpria com agrado a função de guardião da despensa, porque sabia que Max era seu amigo e

OS AMIGOS VELAM PELA ALEGRIA

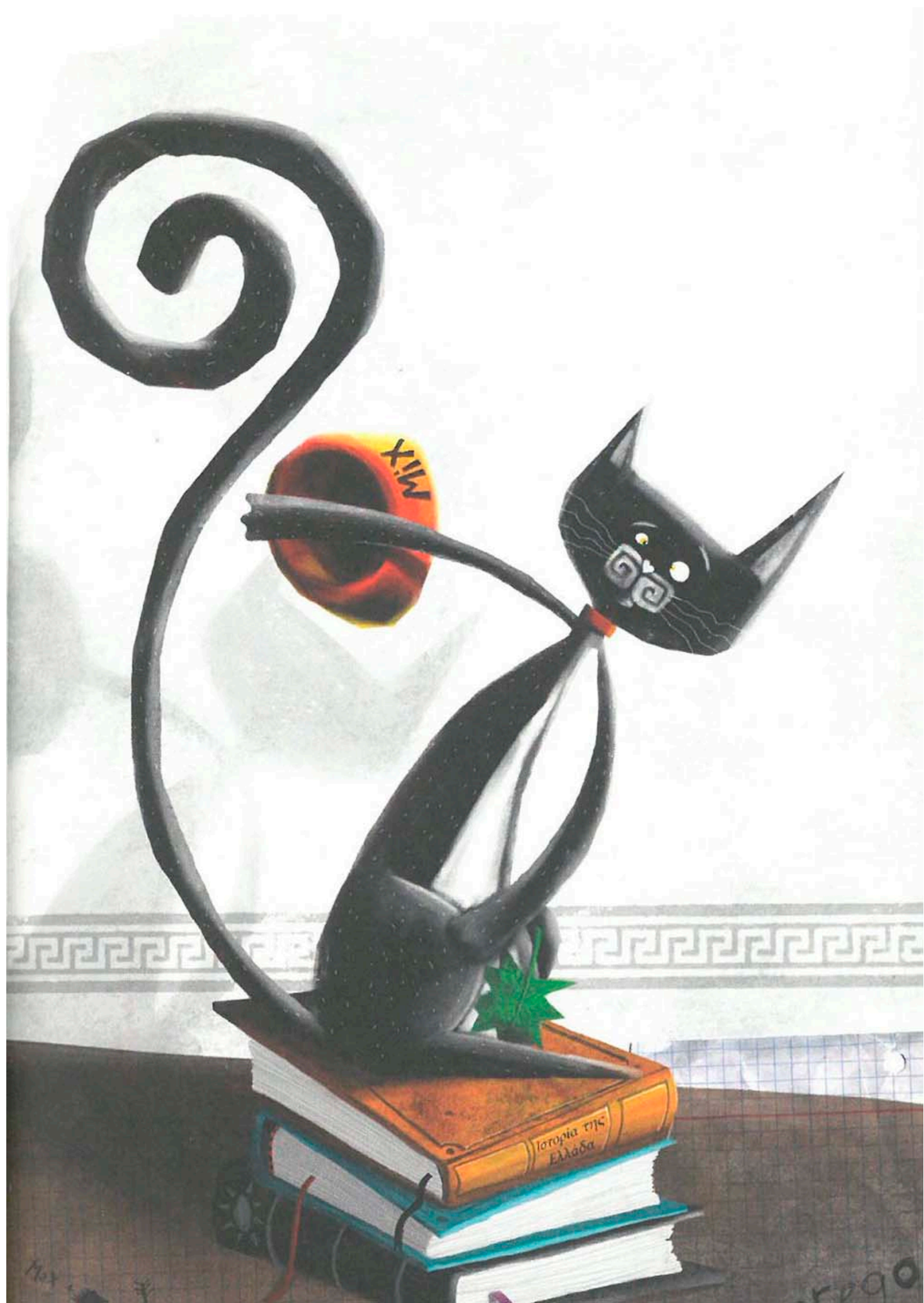
UM DO OUTRO.

Uma tarde, um colega de escola de Max disse-lhe alguma coisa sobre o focinho de Mix e, quando ele saiu, Max abriu o dicionário na letra «p», procurou a palavra «perfil» e encontrou várias reproduções de desenhos antigos que o deixaram alegre. Nessa altura chamou por Mix, empoleirou-o na mesa e mostrou-lhe o dicionário.

— Olha, Mix, o meu amigo tem razão, tens um perfil a que se chama perfil grego.







ιστορία της  
Ελλάδας

5290



Sim, Mix era um gato com perfil grego que fazia sobressair os seus grandes olhos amarelos.

Às vezes, Max mostrava-lhe livros sobre a Grécia Antiga e falava-lhe de homens chamados Agamémnon, Aquiles, Ulisses e Menelau. Todos tinham o mesmo perfil de Mix.

Algumas vezes, Max chamava por Mix e, quando o gato não acorria à sua voz, ia até à rua e perguntava ao vendedor de jornais ou ao carteiro:

— Viram um gato grande com o dorso preto e a barriga branca?

— Um gato com perfil grego? Sim, vi-o. Trepou a um castanheiro e daí saltou para o telhado da casa. É muito ágil esse gato de perfil grego.

Então, Max ficava descansado pois sabia que Mix voltaria quando lhe apetecesse e que, vagueando pelos telhados, gozava da sua liberdade de gato.

OS AMIGOS VELAM SEMPRE

PELA LIBERDADE UM DO OUTRO.





O tempo dos gatos é diferente do tempo das pessoas. Com o passar dos anos, lentamente, Max transformou-se num jovem cheio de planos e de sonhos. Mix também mudou e, de uma forma menos lenta, foi-se transformando num gato velho.

Max gostava de pensar que nenhum pássaro sabe voar quando nasce, mas, quando chega o momento em que o apelo do ar é mais forte do que o medo de cair, a vida ensina-os então a abrir as asas. Assim, quando Max fez dezoito anos e decidiu que queria ser independente, alugou, com a ajuda dos pais, um pequeno apartamento numa rua tranquila e com muitas árvores.

— Esta é agora a nossa casa, Mix. Às vezes ficarei triste por sentir a falta dos meus pais e dos meus irmãos, mas tenho-te a ti e sei que não estou sozinho — disse Max ao abrir a porta do seu mais recente lar.

Mix depressa se habituou à nova casa no andar mais alto de um prédio de cinco pisos, e costumava sentar-se no parapeito de uma janela, com a expressão atenta dos gatos, a olhar para tudo o que acontecia no outro lado dos vidros.

Max sabia que andar ao ar livre era importante para Mix, de modo que abriu uma trapeira no teto da casa de banho, colocou uma escada e assim o gato podia dar os seus passeios a céu aberto.

OS AMIGOS COMPREENDEM AS LIMITAÇÕES

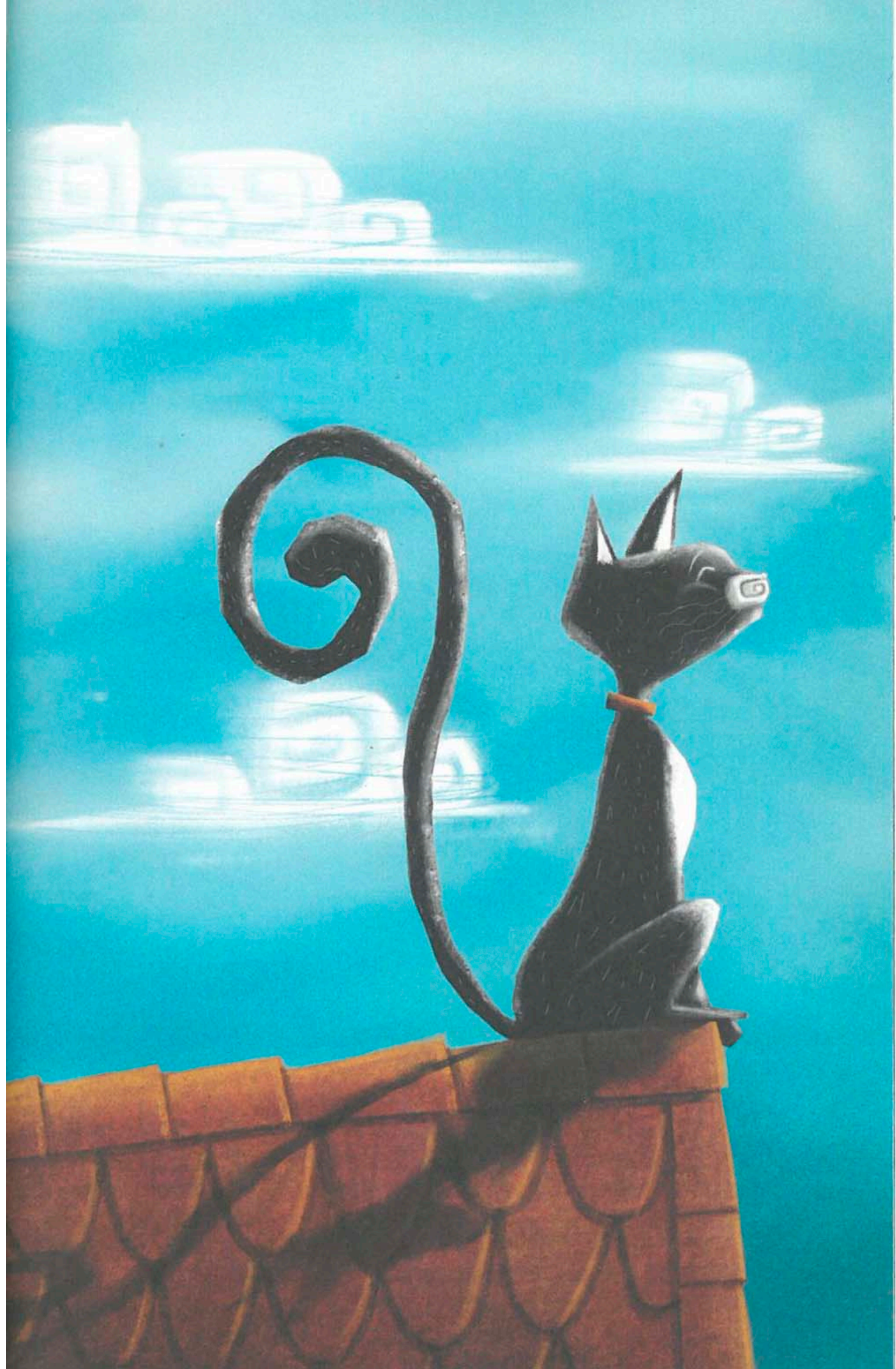
DO OUTRO E AJUDAM-NO.

Todos os dias Mix explorava o telhado da casa e, ao voltar, agradecia a Max esfregando-se contra as pernas dele e ronronando. Partilhavam assim aquele pequeno espaço e, enquanto Max estudava livros que ensinavam os segredos da Matemática, da Química e da Física, Mix instalava-se aos seus pés e recordava o número de árvores a que tinha trepado, a quantidade de pássaros que levantavam voo assim que o viam, a chuva que o tinha molhado ou a neve que estalava sob as suas quatro patas.

OS VERDADEIROS AMIGOS

TAMBÉM PARTILHAM O SILÊNCIO.



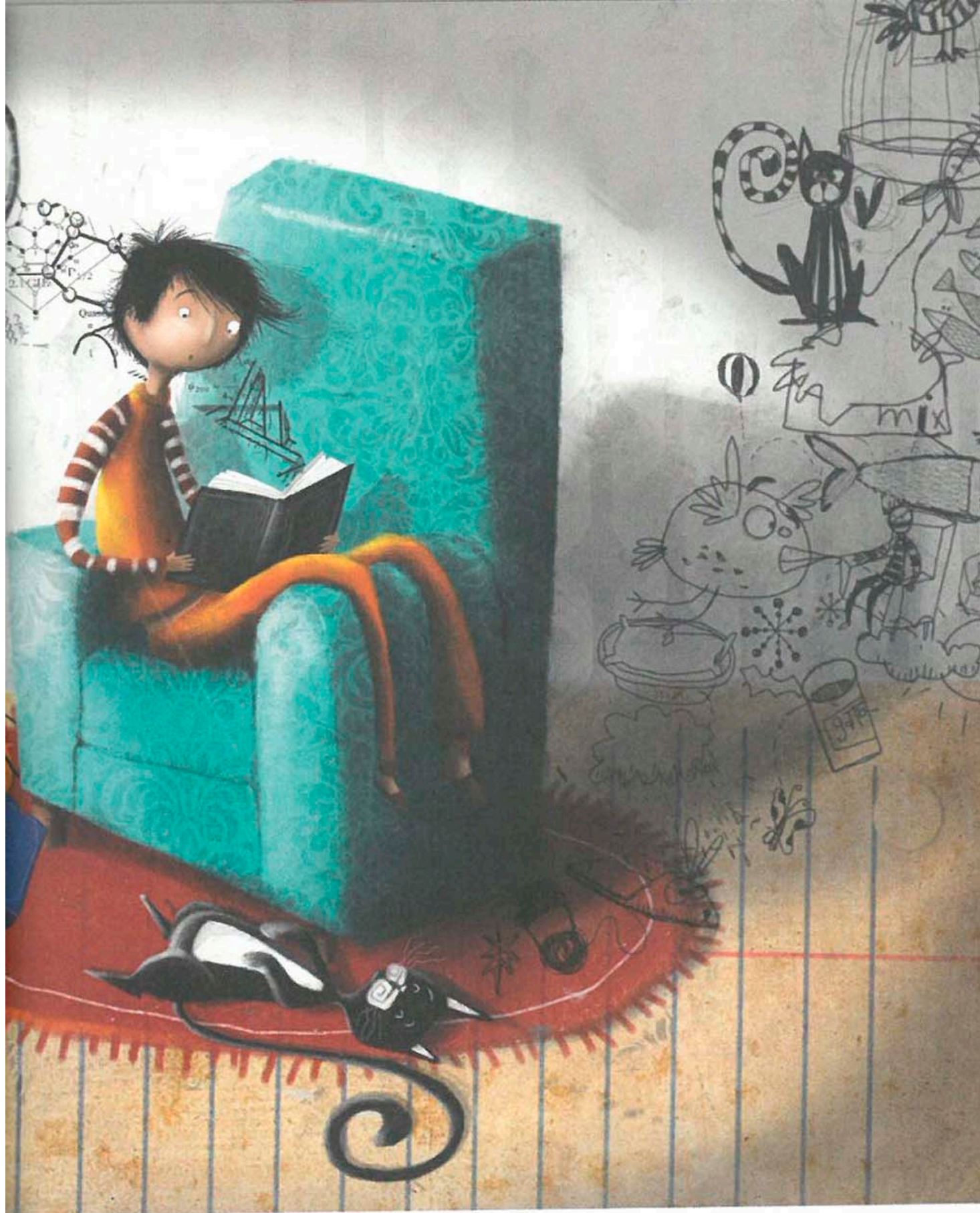






Max estudava enquanto a neve cobria a cidade, estudava quase sem olhar para os rebentos verdes que, espreitando nos ramos das árvores, anunciavam a primavera. Estudava com as janelas abertas para que a casa se enchesse de sol, e continuava a estudar quando os dias

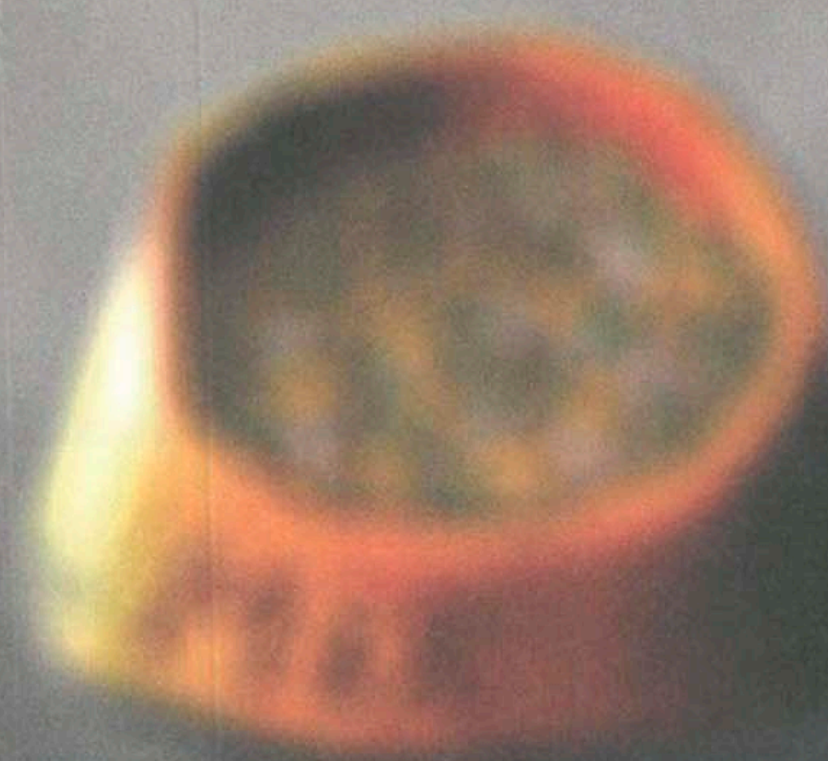




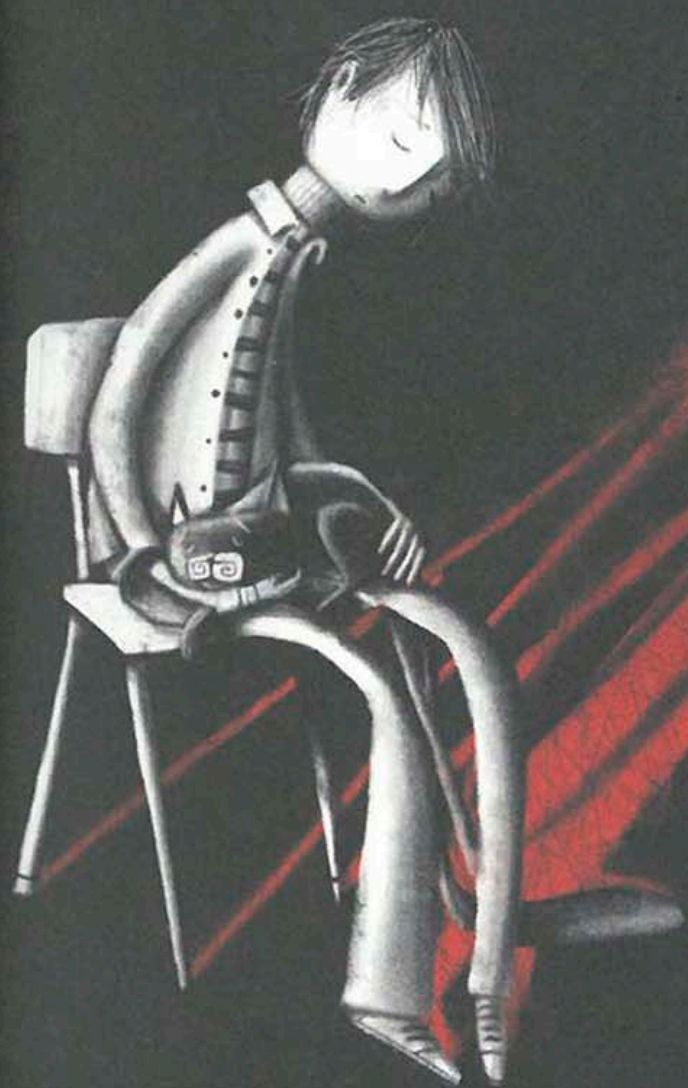
se tornavam mais curtos e o cinzento de aço do inverno se apoderava de tudo. Os seus planos e os seus sonhos dependiam do seu esforço e entregava-se de corpo e alma ao prodígio de saber por que razão as coisas eram de certa maneira e como podiam tornar-se melhores.



Mix começou a abandonar os seus prazeres de explorador de telhados e pensou que talvez a falta de luz e a delicada bruma que envolvia os objetos da casa fosse culpa do inverno.





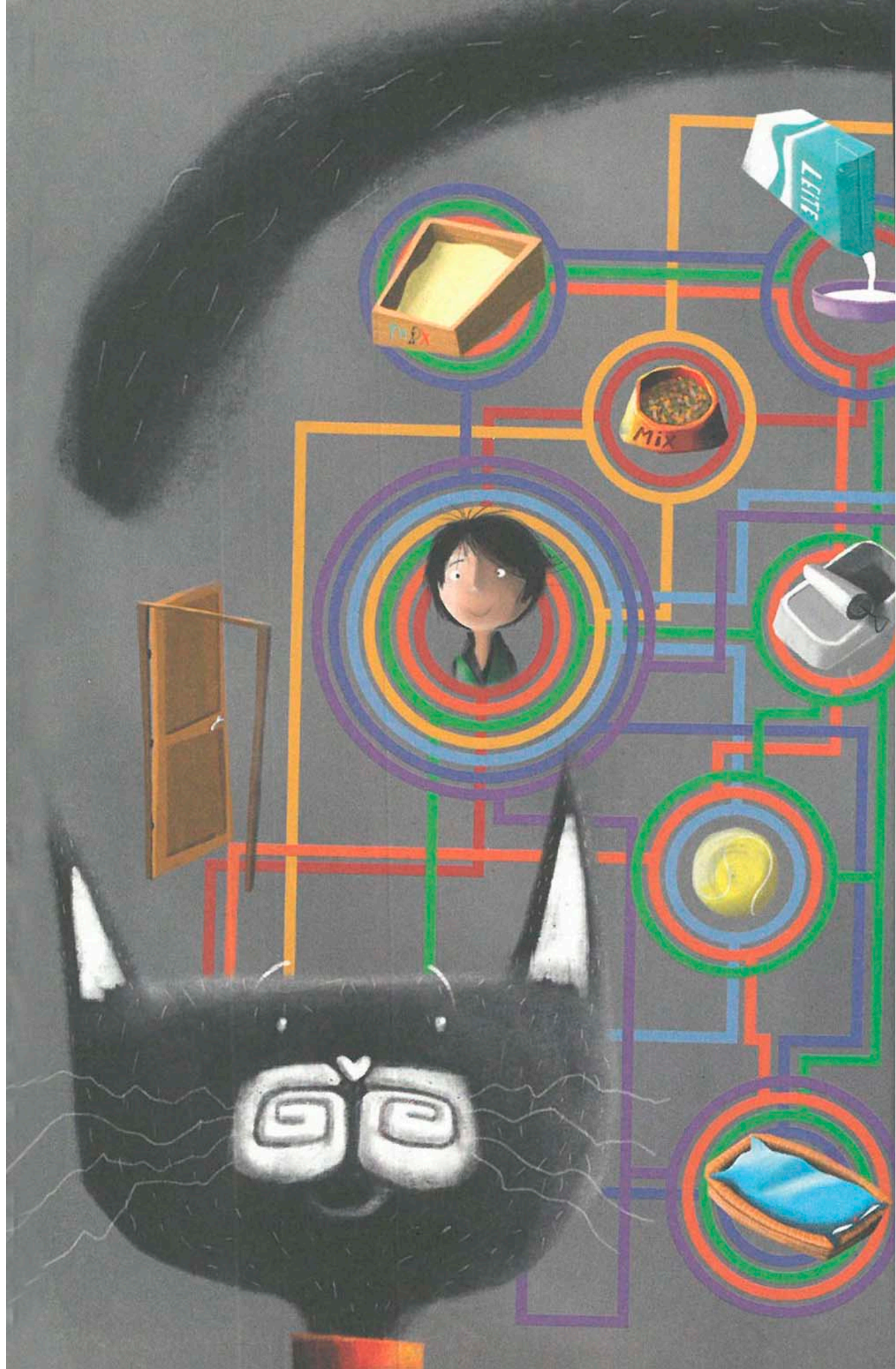


4

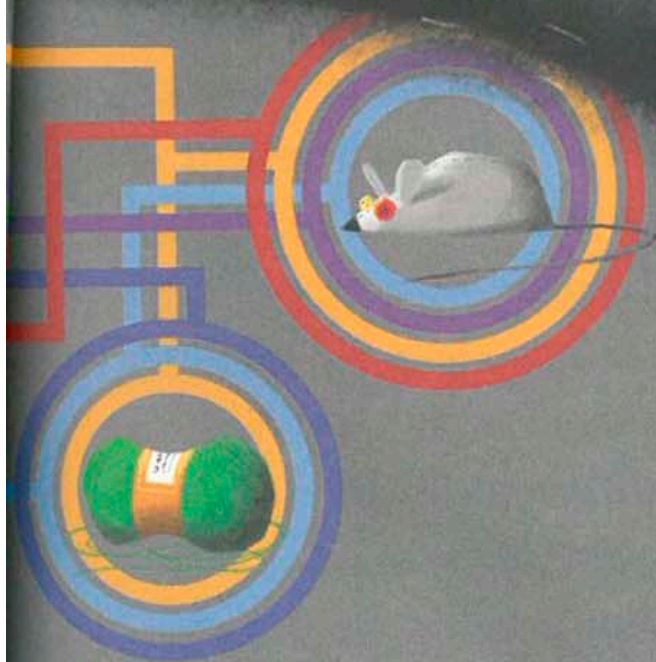
Num dia de inverno alguém bateu à porta e, como sempre, Mix aproximou-se da entrada para ser o primeiro a cumprimentar o visitante. Max viu-o avançar pelo corredor, viu também no chão a caixa de livros que pensava devolver à biblioteca, uma caixa que não costumava estar ali, e sentiu uma dor muito grande ao ver que Mix chocava com a caixa.

Nesse dia Max não recebeu o visitante. Com Mix ao colo, correu para o consultório do veterinário. O diagnóstico foi cruel, duro, inesperado. Mix estava cego.









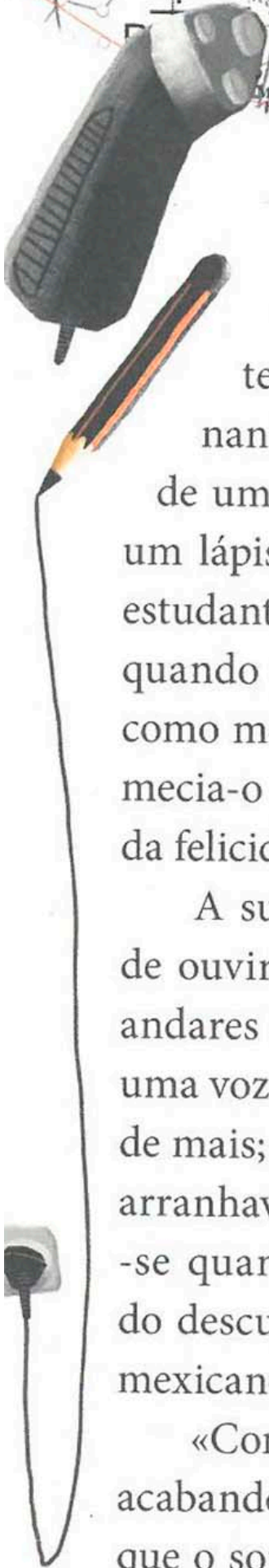

A partir desse dia tudo passou a estar nos seus lugares habituais. Se alguém deslocava uma cadeira, tinha de a deixar tal como a tinha encontrado, e as portas permaneciam abertas para que Mix se deslocasse com facilidade.

## OS VERDADEIROS AMIGOS

CUIDAM SEMPRE UM DO OUTRO.

Mix, o gato cego de perfil grego, deixou de subir a escada até à trapeira do teto mas, embora mais devagar devido à cegueira, não deixava de se deslocar pelo apartamento. Com a ajuda do olfato e da boa memória dos gatos, encontrava sem problemas o caminho até à caixa de areia ou ao prato com a sua ração favorita.



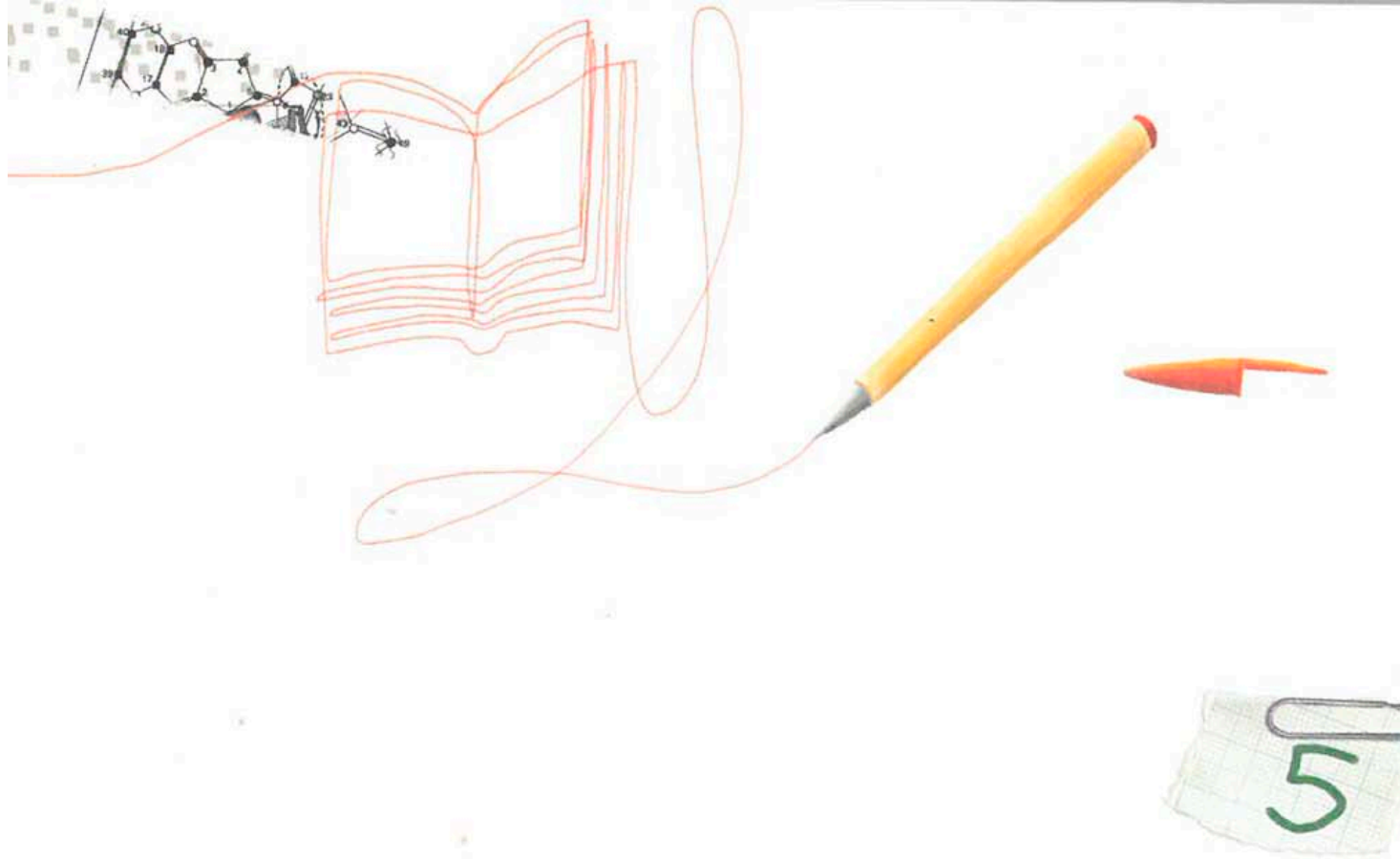


Deitado muito perto dos pés de Max, ouvia o roçar dos dedos a folhearem as páginas, escutava atentamente o amigo a repetir os textos até os decorar, e a sua audição foi-se tornando mais apurada até conseguir distinguir o ruído de uma esferográfica a escrever daquele que é feito por um lápis de grafite. No apartamento vizinho vivia uma estudante de música, e Mix sentia uma felicidade especial quando a ouvia murmurar timidamente «vamos lá ver como me sai Bach», porque então o som do violino adormecia-o e a bruma dos seus olhos transformava-se na cor da felicidade.

A sua audição tornou-se tão apurada que era capaz de ouvir as vozes dos outros inquilinos que viviam nos andares de baixo; um deles não gostava de margarina e uma voz de mulher respondia-lhe que a manteiga era cara de mais; outro garantia que a sua máquina de barbear lhe arranhava a pele, e um belo dia chegou mesmo a alarmar-se quando um vizinho do segundo andar se queixou do descuido dos filhos, acrescentando que todos os ratos mexicanos tinham fugido.

«Como será um rato mexicano?», interrogou-se Mix, acabando por não dar mais importância ao assunto porque o som da ração a sair do pacote era um convite irresistível para dirigir os seus passos até à cozinha.





Uma manhã, Mix sentiu a mão de Max a acariciar-lhe o dorso. Ouviu-o dizer que tinha de viajar até uma cidade relativamente distante, que lhe deixava o prato cheio de comida e que regressaria no dia seguinte.

Em resposta, Mix ronronou. Sabia que Max ia a uma entrevista de trabalho. Na noite anterior, e enquanto lhe acariciava a barriga, dissera que tinha várias ofertas e que se decidiria pela melhor.

— Se tudo correr como quero, Mix, em breve alugaremos um apartamento maior e terás mais espaço para andares à vontade. O que achas, Mix? Gostarias de ter muito mais espaço para ti?

Mix respondeu esticando o corpo.

OS VERDADEIROS AMIGOS

PARTILHAM OS SONHOS E AS ESPERANÇAS.



Quando Max fechou a porta, a casa mergulhou num silêncio enorme, num silêncio espesso como a bruma do outono de que Mix se recordava, aquela bruma envolvente que, vista do telhado, fazia desaparecer as ruas e as copas dos castanheiros pareciam ilhas num mar cinzento.

Mix instalou-se perto do radiador, deitou-se sobre as suas quatro patas, procurou a posição mais cómoda e fechou os olhos. De cada vez que o fazia, a névoa desaparecia das suas pupilas e, com os olhos inesgotáveis da memória, via com toda a nitidez aquilo que guardava como um tesouro na lembrança.

Mix nunca tinha caçado um pássaro, mas lembrava-se do prazer com que seguia o voo das pegas, que voltavam aos ninhos, vindas de lugares distantes, trazendo sempre pequenos objetos brilhantes nos bicos. Também se lembrava com emoção do voo alto dos estorninhos, em bandos numerosos que pareciam mover-se no céu como um único corpo, fragmentado em milhares de minúsculos objetos escuros. E o calor suave que emanava do radiador trouxe-lhe aos olhos a lembrança do voo grave, esforçado, dos gansos que, todos os anos, voando das regiões mais frias para sul, anunciavam a chegada do inverno.

Sentia-se bem, muito bem, junto do radiador e com as suas recordações, quando ouviu uns passinhos suaves, muito suaves mas rápidos, que se aproximavam, paravam, e voltavam a aproximar-se.

Sem mudar de posição retesou os músculos. Com os olhos fechados mexia as orelhas e os bigodes. Aquilo que





se aproximava cheirava a papel, tinha o mesmo cheiro dos livros onde Max descobria os segredos da ciência.

De repente, e com a rapidez dos seus melhores anos, Mix esticou uma pata dianteira e sentiu um corpinho trémulo sob as suas almofadas. Era qualquer coisa que se mexia tentando libertar-se, mas Mix pressionou até a imobilizar.

— Ora bem, que estranho ser és tu? — perguntou na língua dos gatos, dos ratos e de outros habitantes dos telhados.

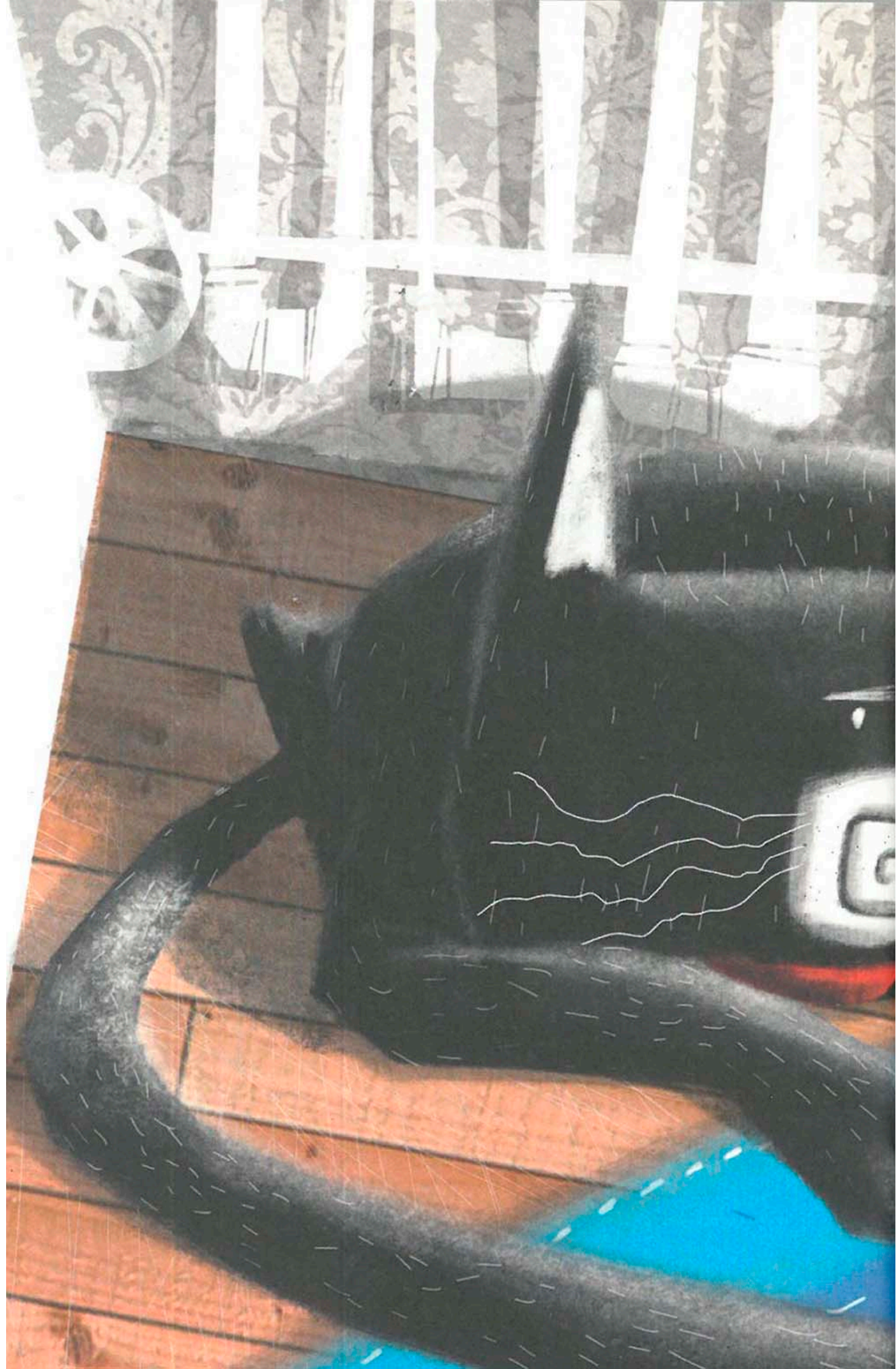
Sob a sua pata, um minúsculo ratinho tentava inutilmente escapar do peso que tinha em cima. Mas o rato, embora pequeno, fraco e frágil, era astuto e, antes de responder, pensou rapidamente em tudo o que sabia sobre os gatos. Pensou em tudo aquilo que, supostamente, lhes causava repugnância.

— Sou uma lesma, senhor gato. Com efeito, sou uma lesma húmida e de aspeto asqueroso, sou um bicho repugnante e feio, tão feio que não me atrevo a ver-me em nenhum espelho porque fico com medo e com asco. Com efeito, sou muito feio; mais, sou feíssimo, de modo que te rogo que não abras os olhos porque a impressão de ver um bicho tão feio podia fazer-te mal, tirar-te o apetite, provocar-te pesadelos horríveis. Porque serei tão feio?

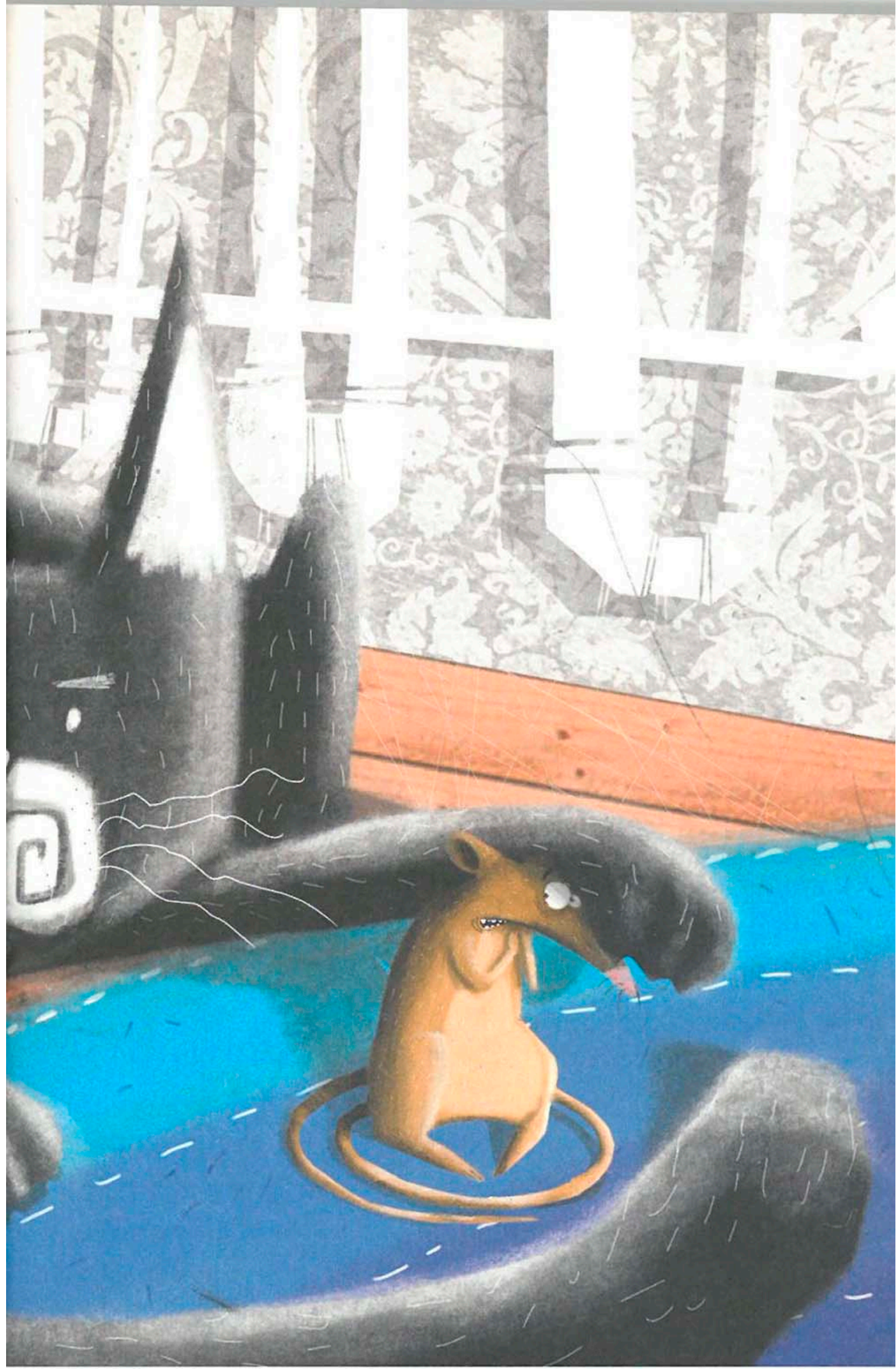
Sem deixar de pressionar, com a outra pata dianteira Mix apalpou a cabeça, as orelhas minúsculas e a cauda do rato.













— Uma lesma com orelhas, bigodes e cauda. Nunca pensei que uma lesma conseguisse parecer-se tanto com um rato, e menos ainda que fosse tão tagarela.

O rato pensou que estava perdido, mas recordou-se imediatamente de que, às vezes, do seu esconderijo na prateleira mais alta da estante dos livros tinha visto como o jovem Max levava as mãos à cabeça ao ver esferográficas ou papéis espalhados pelo chão. Nessa altura, perguntava em voz alta quem tinha subido para cima da sua secretária, e Mix, o gato de perfil grego, aparecia a ronronar, deitava-se de barriga para cima aos pés de Max numa confissão sem palavras que fazia o jovem sorrir, dizendo: «Muito bem, Mix, entre amigos é preciso dizer sempre a verdade.» E depois acariciava-o ou servia-lhe uma dose extra de ração.

— Realmente, senhor gato, descobriste, sou um rato e garanto-te que dos mais interessantes, embora, quanto a sabor, haja outros muito melhores. Se te disser a verdade, só a verdade, sem guardar nenhum segredo... há algum prémio?

Antes de responder, Mix levantou a pata e libertou o rato.

— Sei que és um rato, e mais: sei que és o rato que vive na prateleira mais alta da estante dos livros. Oiço-te todos os dias quando descas, te diriges para a despensa e comes os cereais que caíram. Tu sabes que não consigo ver, mas os meus ouvidos e o meu nariz ajudam-me a saber o que acontece. Diz-me lá, não tens medo de mim?



— Realmente, tenho muito medo, senhor gato, sou um rato dos mais cobardes, estou a tremer de medo, mas a fome é superior ao medo. Queria ter a certeza de que não podias ver porque em cima da mesa da cozinha estão uns flocos de muesli que parecem deliciosos, mais do que deliciosos, superdeliciosos, e eu tenho uma paixão enorme por coisas deliciosas. Esta é a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade... Há algum prémio para a minha sinceridade?

— Sim, mas antes diz-me como és.

Então, o rato descreveu-se a si próprio, disse que tinha o pelo castanho-claro, com uma risca branca que ia do pescoço até ao rabo, acrescentou que os seus bigodes eram curtos, a cauda fina e o nariz tinha um tom rosado.



— Realmente, sou o que se diz um rato bonito, senhor gato, muito bonito, macio e quente. Sou um rato mexicano e vivia com os meus irmãos num dos andares inferiores. Era uma vida triste de animal de estimação, sempre fechados numa caixa de vidro, mas um dia escapámos: os meus irmãos fugiram para a rua e eu, em vez disso, decidi subir até ao teu apartamento, sem intenções de incomodar. E sou muito esperto, o rato mais esperto que possas imaginar, e sei muitas coisas que partilharia contigo com todo o gosto se me deixasses comer aqueles flocos de muesli deliciosos, mais do que deliciosos, super-deliciosos...

— Está bem, rato. Delicia-te com esses flocos de muesli, mas limita-te a usar a boca para comer — disse Mix, ouvindo os passos minúsculos do rato a correr em direção à cozinha.



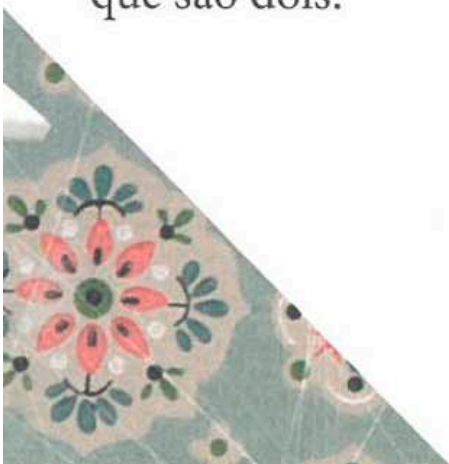




No dia seguinte, e antes do regresso de Max, Mix ouviu o rato a descer da prateleira mais alta da estante dos livros e a aproximar-se do seu lugar ao pé do radiador.

— Hoje não falas, rato? — perguntou Mix.

— Na verdade, estou em silêncio, erguido sobre as minhas patas traseiras e movendo os bigodes porque me sinto triste, senhor gato, muito triste, sou o rato mais triste do mundo. Oh, que tristeza tão grande! Gostavas de saber os motivos da minha tristeza? E digo-te desde já que são dois.



— Alguma coisa me diz que mo dirás mesmo que não te pergunte.

— Realmente, assim é. O primeiro motivo da minha tristeza é não ter um nome. Tu chamas-te Mix, o jovem humano que te alimenta chama-se Max, mas eu não tenho nenhum nome, sou só rato, e, se disseres rato em voz alta, milhões de ratos pensarão que estás a falar com eles e não comigo. Quero ter um nome!

Sem abrir os olhos, Mix soube que aquele pequeno roedor de vozinha esganiçada tinha razão. Quando alguém ia lá a casa, dirigia-se a ele chamando-lhe gato, «vem cá, gato», e, por muito agradável que fosse a sua voz, não tinha o mesmo calor da voz de Max ao pronunciar o seu nome. Bastava que dissesse «Mix» para sentir que o convidava a aproximar-se, a partilhar a companhia, a alegria ou o silêncio.

— Como disseste que eras um rato mexicano, gostava de te chamar Mex. Estás de acordo, Mex? — propôs Mix.

— É um nome magnífico! Realmente, Mex é o nome que sempre quis ter. Senhor gato, acabaste com uma das minhas tristezas... Posso falar-te da outra?

Mix concordou com um suspiro e Mex, eufórico com o seu recente nome, lançou-se numa discursata sobre os aromas saborosos, deliciosos, que se sentiam no ar, vindos de alimentos que estavam muito longe do seu alcance.

— Mex, e que tal se fosses diretamente ao assunto? — propôs Mix.





— Pois bem. Na despensa há uma embalagem de cereais deliciosos, mais do que deliciosos, superdeliciosos, saborosos, mais do que saborosos, saborosíssimos, estaladiços, com frutos vermelhos do bosque, mas não consigo chegar-lhes porque a embalagem está na última prateleira da despensa. E parecem ser tão saborosos... Ai que tristeza!

— queixou-se Mex.

— Mex, diz-me o que há acima do radiador — interrompeu-o Mix.

O rato respondeu que havia uma janela; sobre o parapeito, duas plantas muito verdes e, para lá dos vidros, a rua. Então, Mix pediu-lhe que subisse para o parapeito e lhe dissesse tudo o que via do outro lado da janela.







Mex obedeceu e começou a descrever-lhe a rua branca, pois durante a noite tinha nevado, falou-lhe dos ninhos das pegas nas árvores mais próximas, disse que os ramos estavam sem folhas embora não tristes porque o frio os tinha congelado e pareciam figuras de cristal. Referiu-se a um homem que caminhava deixando pegadas profundas na neve, a uma mulher que puxava o carrinho das compras com grande dificuldade e às bicicletas dos carteiros que descansavam como franzinos animais amarelos diante da estação dos correios. Mix ouvia atentamente, e a vozinha do seu novo amigo permitia-lhe ver novamente o horizonte de telhados cobertos de neve, o fumo a sair das chaminés, os automóveis que avançavam lentamente sobre o branco tapete do inverno. Através das suas palavras, o pequeno rato abriu os olhos cegos de Mix, conduzindo-o a uma felicidade nunca esquecida. E quando Mex disse que ao longe, muito ao longe, se viam duas enormes cebolas a coroar umas torres, Mix soube que se referia às cúpulas da Igreja das Mulheres, aquelas torres a que todos os gatos de Munique sonhavam trepar.

— E do céu começam a cair alguns flocos de neve que parecem cereais dos mais saborosos, deliciosos, bons, muito bons, mais do que bons — concluiu o rato entre suspiros.

— Vamos à despensa — disse Mix e, chegados lá, pediu ao amigo Mex que lhe indicasse a prateleira onde estava a embalagem de cereais.

Seguindo as instruções do rato, saltou para a plataforma que sustentava o armário de três prateleiras, sentiu o aroma das maçãs, tangerinas e nozes da fruteira, e esticou o corpo até as suas patas dianteiras encontrarem a embalagem de cereais, fazendo-a cair. Desceu com outro salto e, já no chão, segurou na caixa com a pata dianteira, meteu a outra na abertura e retirou uma porção generosa de flocos estaladiços.

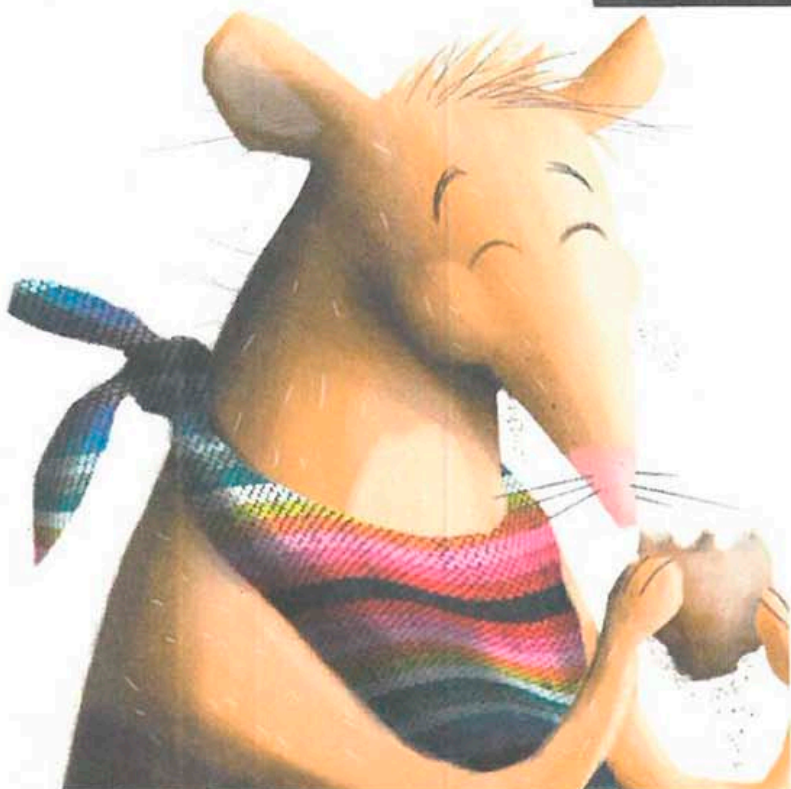
— Realmente, são os cereais mais saborosos, não acredito que haja outros mais deliciosos, tão deliciosos, superdeliciosos — repetia o rato erguido sobre as patas traseiras, segurando com as dianteiras um floco que roía avidamente.

Mix ouvia-o comer entre suspiros.

OS VERDADEIROS AMIGOS

TAMBÉM PARTILHAM AS PEQUENAS COISAS

QUE ALEGRA A VIDA.







Max regressou pouco depois do meio-dia. Mix ouviu os passos dele no corredor, a porta a abrir-se e o tilintar das chaves ao serem pousadas na taça onde costumava esvaziar os bolsos e que se encontrava sobre uma consola. Depois ouviu a respiração de Max enquanto tirava as botas húmidas de neve.

— Que fome tenho, Mix! — disse Max dirigindo-se para a cozinha. Mas, ao ver a embalagem de cereais no chão, acrescentou:

— Ora, parece que alguém andou a fazer disparates na despensa. Gostaria de saber quem terá sido, embora suspeito de um certo amigo peludo e de perfil grego.

Como sempre, Mix aproximou-se a ronronar e deitou-se de barriga para o ar aos pés do amigo.



— É perigoso o que fizeste, Mix — disse Max acariciando a barriga do gato. — Mas, se gostas tanto de cereais, dar-te-ei todos os dias uma porção para sobre-mesa — acrescentou.

Mix pensou que à sua maneira, sem palavras, tinha dito a verdade, mas logo ficou triste porque essa verdade escondia um engano,

E NUNCA, NUNCA,

DEVEMOS ENGANAR OS AMIGOS.

Max viu o seu gato cego aproximar-se da estante dos livros. Sentou-se e pôs-se a miar, os olhos inúteis dirigidos para a parte mais alta.

— Um livro? Para que queres um livro, Mix? Tu não sabes ler e, além disso...

Como única resposta, o gato cego levantou-se sobre as patas traseiras, apoiando as dianteiras nos livros das prateleiras mais baixas, e miou sem deixar de esticar a cabeça para as alturas.

— Fenimore Cooper, *O Último Moicano* — leu Max, e Mix continuou a miar.

Max foi lendo os títulos arrumados na prateleira mais alta da estante: Jack London, *Colmilhos Brancos*; Mark Twain, *As Aventuras de Huckleberry Finn*; Selma Lagerlöf, *A Maravilhosa Viagem de Nils Olgersson através*







da Suécia; Michael Ende, *A História Interminável de A a Z...* e, à medida que se aproximava da extremidade esquerda, os miados de Mix tornavam-se mais doces, mais alegres.

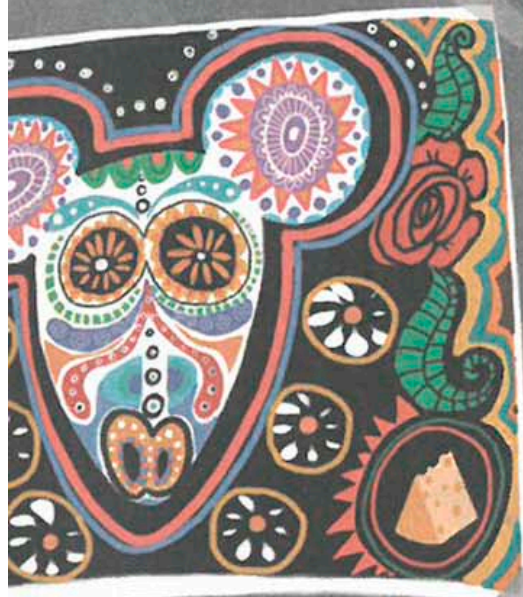
Assim, chegou até à lombada de um livro grosso e de capa azul, Júlio Verne, *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Nessa altura Mix deitou-se mais uma vez de barriga para cima, ronroando aos pés do amigo, e, quando Max retirou o livro, teve de pestanejar várias vezes para acreditar no que via. Num ninho construído com bocadinhos de papel, um minúsculo rato castanho-claro cobria os olhos com as patinhas dianteiras. Mix ronronava, esfregando o corpo nas pernas do amigo.













— Ora, ora, parece que temos um convidado. Quando eu era pequenino também tapava os olhos para ficar invisível. Não estarás a pensar comer este pobre rato — disse Max, mas imediatamente se lembrou da embalagem de cereais no chão da cozinha.

— Mix, os cereais eram para o rato?

Max pegou com cuidado no trémulo e minúsculo ratinho, pousou-o no chão e viu como este corria a refugiar-se debaixo do corpo do gato.

— Alegra-me que tenhas um novo amigo, Mix. Assim não te sentirás só, pois eu terei de fazer outras viagens nos próximos dias. A partir de agora, somos três nesta casa — disse Max, colocando seguidamente um pratinho ao lado do de Mix. Num deles deitou uma porção generosa de ração com sabor a peixe e no outro uma porção, também generosa, de cereais.





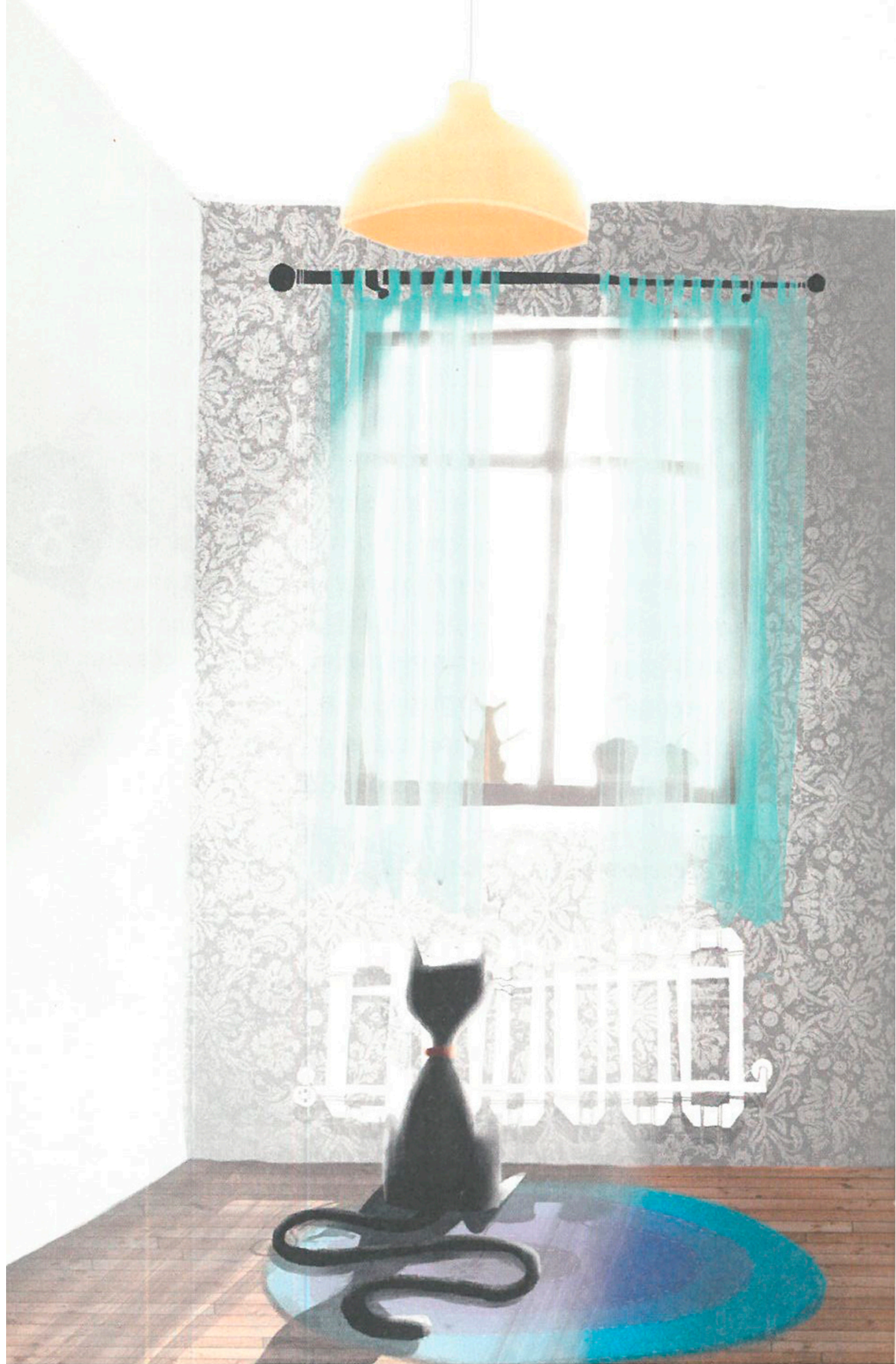
Quando o inverno terminou e os dias começaram a ficar maiores, Max encontrou o emprego que queria. No primeiro dia saiu de casa muito contente e, antes de fechar a porta, acariciou o dorso de Mix e a cabecinha de Mex.

— Desejem-me sorte, amigos. Hoje começo a mostrar tudo o que sei e tudo o que consigo fazer — disse antes de sair.

O ratinho empoleirou-se no parapeito da janela e daí contou ao amigo o que via.

— Realmente, acaba de pôr o saco de lixo no contentor e agora tira a corrente da bicicleta, da melhor bicicleta de todas, da superbicicleta, e começa a pedalar, oh!, com que força pedala! Este é o nosso Max! — exclamou Mex, exultante.







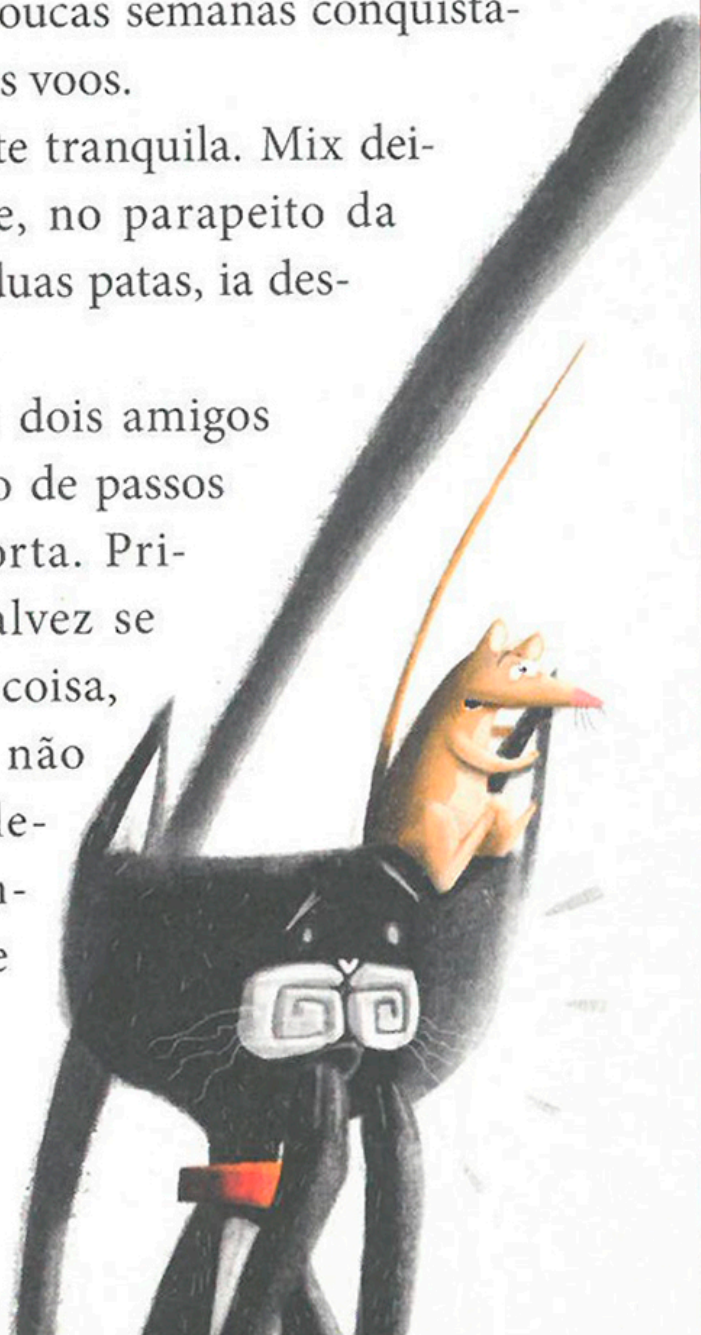
Mix quis saber como estava o céu e a rua e a relva do jardim da entrada.

— O céu está claro, transparente, não se veem nuvens, na rua há muitos carros e bicicletas, pessoas que se cumprimentam e, no meio da relva, começam a crescer umas florzinhas brancas que parecem deliciosos flocos de cereais...

E disse também que os ramos dos castanheiros estavam cheios de rebentos que em breve seriam folhas verdes e que, no ninho da pega, espreitavam as cabeças de três avezinhas que dentro de poucas semanas conquistariam o ar com os seus primeiros voos.

A manhã decorreu bastante tranquila. Mix deitado no seu local preferido e, no parapeito da janela, Mex, erguido sobre as duas patas, ia descrevendo tudo o que acontecia.

Por volta do meio-dia, os dois amigos sobressaltaram-se com o ruído de passos que se detiveram junto à porta. Primeiro pensaram em Max, talvez se tivesse esquecido de alguma coisa, mas Mix disse que aqueles não eram os passos firmes e alegres de Max. Eram diferentes, sigilosos, desconfiados, e assustaram-se ainda mais ao escutarem o ruído metálico de um molho de chaves.



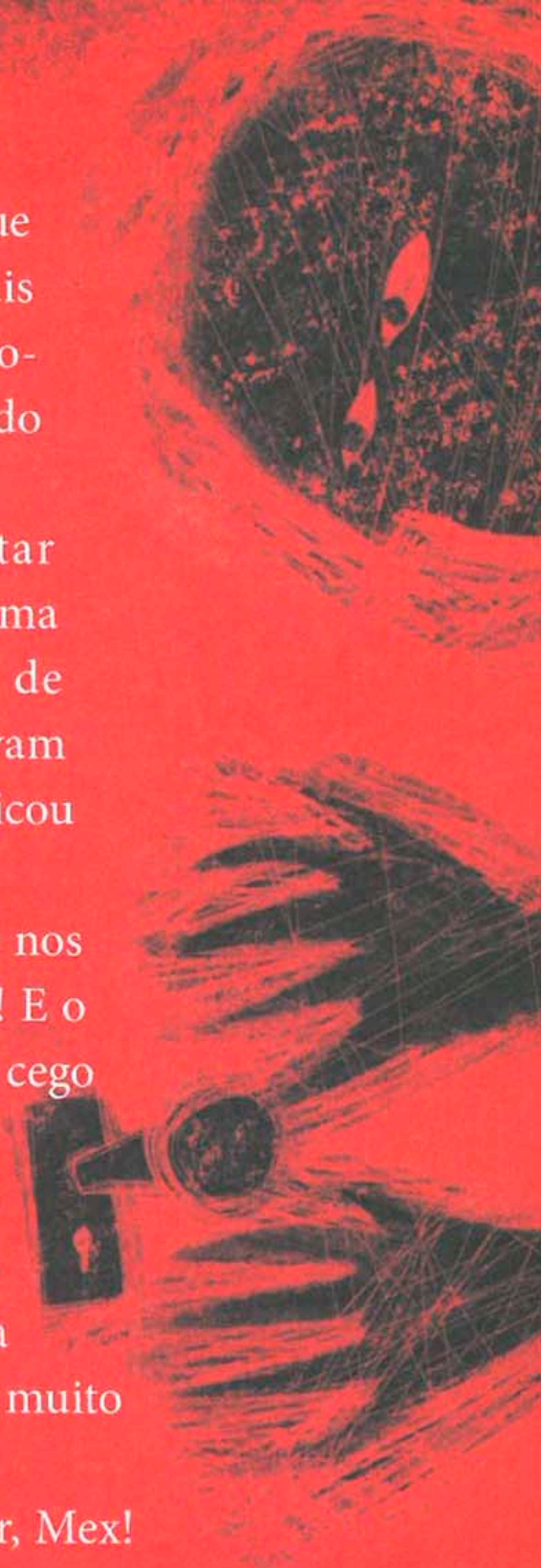


— Ai que medo! Eu disse-te que sou um rato bastante covarde, o mais covarde dos ratos — gritou Mex, procurando proteção entre as patas do amigo.

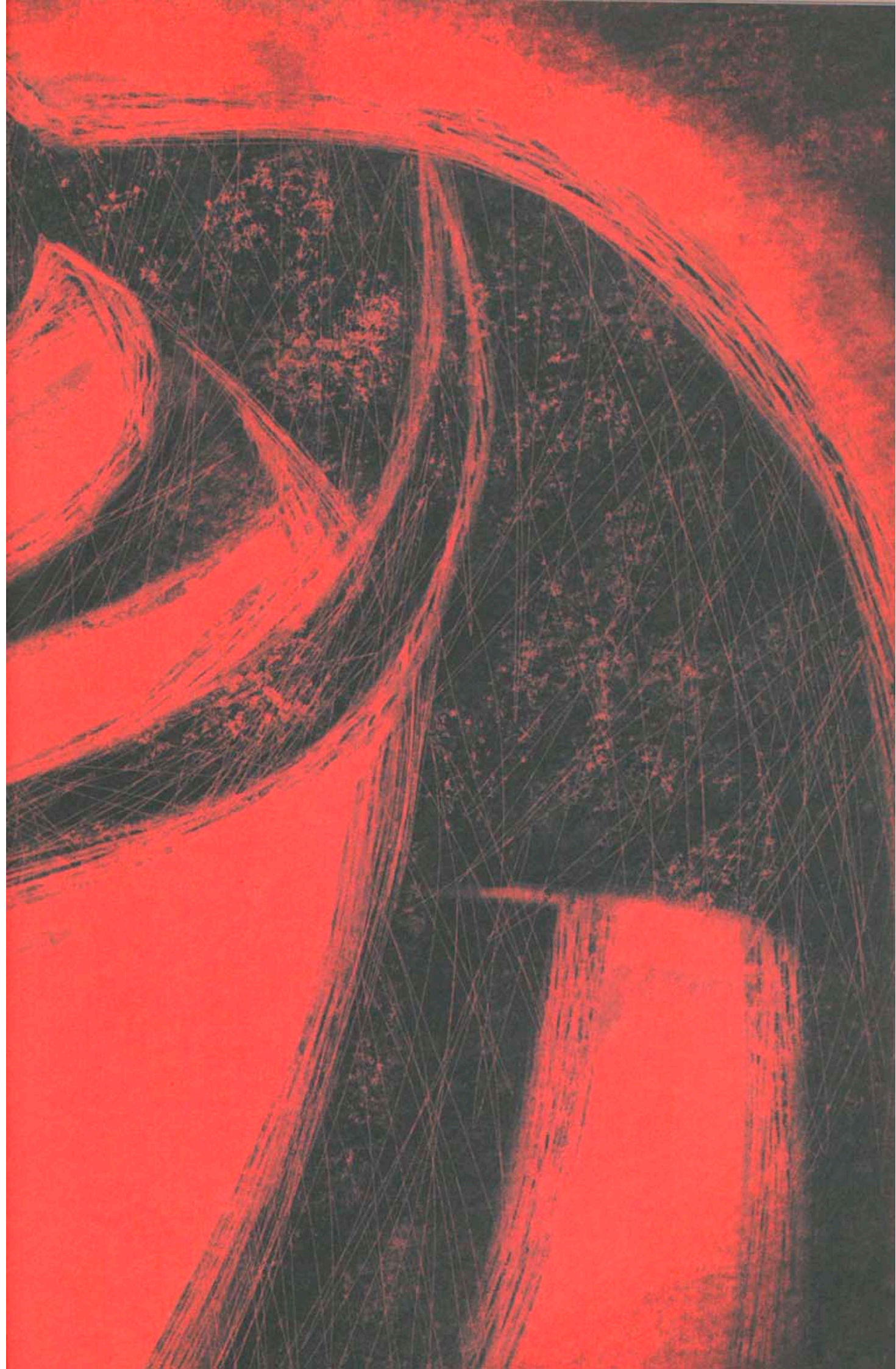
— Seja quem for, está a tentar abrir a porta. Temos de fazer alguma coisa, Mex. Uma vez ouvi falar de pessoas que entram nas casas e levam coisas. Chamam-se ladrões — explicou Mix.

— Realmente, é um ladrão que nos quer roubar. Que medo tão grande! E o que poderemos nós fazer, um gato cego e um rato covarde? — perguntou Mex, mas seguiu o amigo até à porta enquanto o ruído de diferentes chaves que tentavam entrar na fechadura lhes fazia sentir um frio muito diferente do frio do inverno.

— Alguma coisa temos de fazer, Mex! — enfatizou Mix e os dois apoiaram os seus corpos contra a porta. Mas Mex, sem deixar de gritar que tinha medo, muito medo, correu em direção à mesa de centro, empurrou o comando do televisor fazendo-o cair e, sem deixar de manifestar o seu medo, começou a dar pulos em cima dos botões.









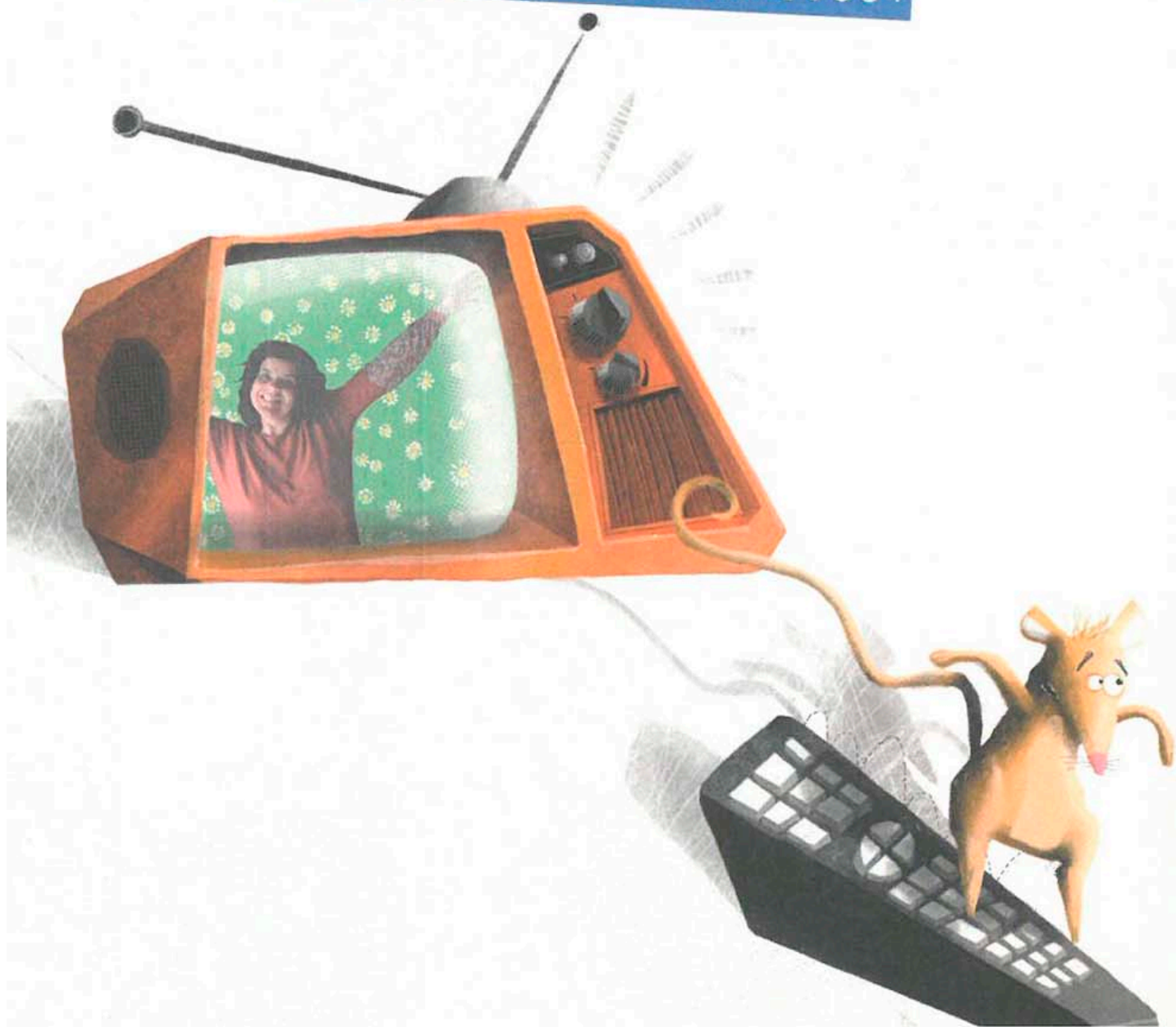
Precisamente no momento em que um clique indicava que o ladrão tinha encontrado a chave certa, a voz cristalina de uma mulher que saudava o início da primavera encheu todos os recantos da casa.

Mix deixou de empurrar a porta com o corpo ao ouvir os passos que se afastavam a correr e chamou pelo amigo.

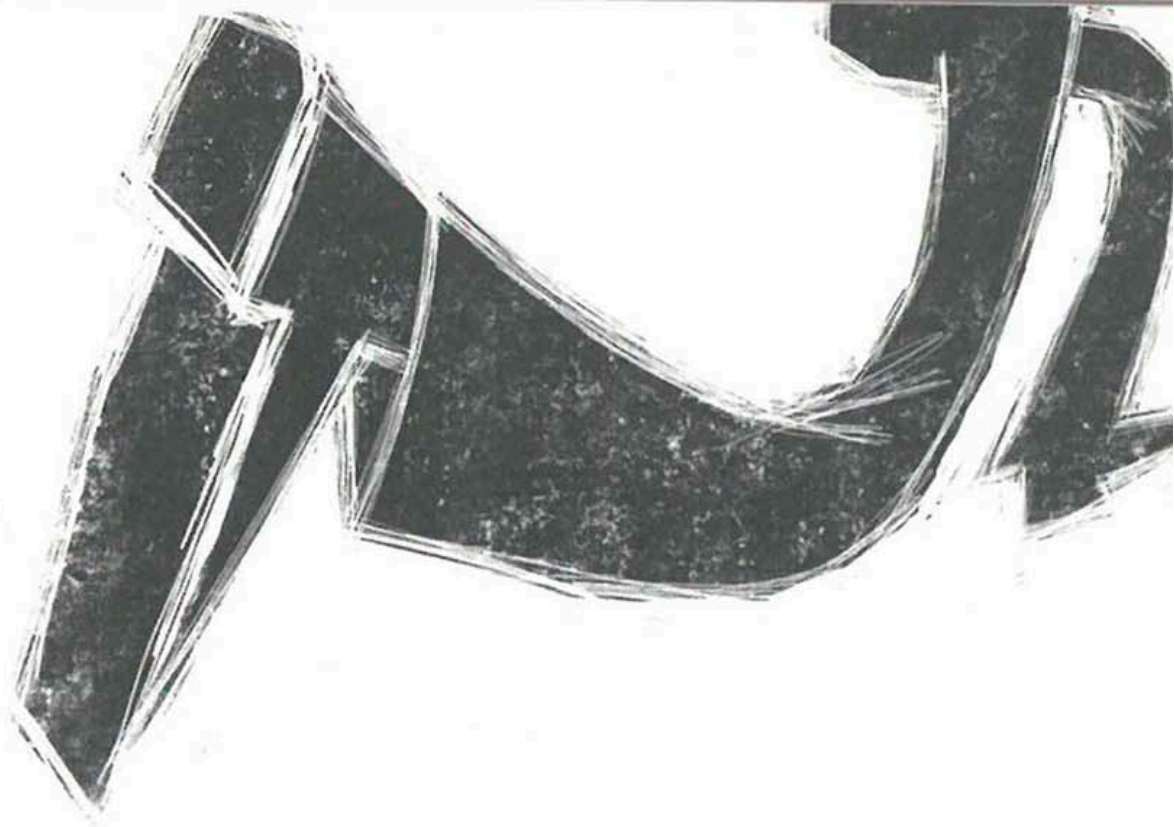
— Muito bem, Mex! Muito bem pensado! Enganámo-lo.

OS AMIGOS, QUANDO ESTÃO UNIDOS,

NÃO PODEM SER VENCIDOS.







Max nunca veio a saber que aquele gato velho e cego, juntamente com um minúsculo ratinho de pelo castanho-claro e uma faixa branca no dorso, tinha defendido a casa e enganado um ladrão.

Mix e Mex costumavam recordar a sua aventura com um misto de alegria e de medo, embora o rato insistisse em ressaltar a sua participação no que acontecera.

— Na verdade, amigo Mix, eu tinha medo, muito medo, pois julgo ter-te dito que sou um rato muito covarde, mas também te disse que sou esperto, muito esperto, oh!, sim, sou o mais esperto dos ratos, e ao pensar que o ladrão roubaria a despensa... ai! Isso, sim, teria sido terrível, mais do que terrível, superterrível...



Mix, habituado como estava à loquacidade do seu pequeno amigo, deixava-o dar uma, cem versões da mesma história.

Numa manhã de sol radiante, Mex quis saber para que servia a escada que havia na casa de banho.

Paciente, Mix explicou-lhe que há muito tempo não pensava nessa escada, nem na trapeira do teto que, com os gonzos muito bem oleados, se abria apenas com um ligeiro empurrão para cima. E, enquanto o fazia, sentiu pela primeira vez que a cegueira tinha posto fim à sua amada liberdade de gato.

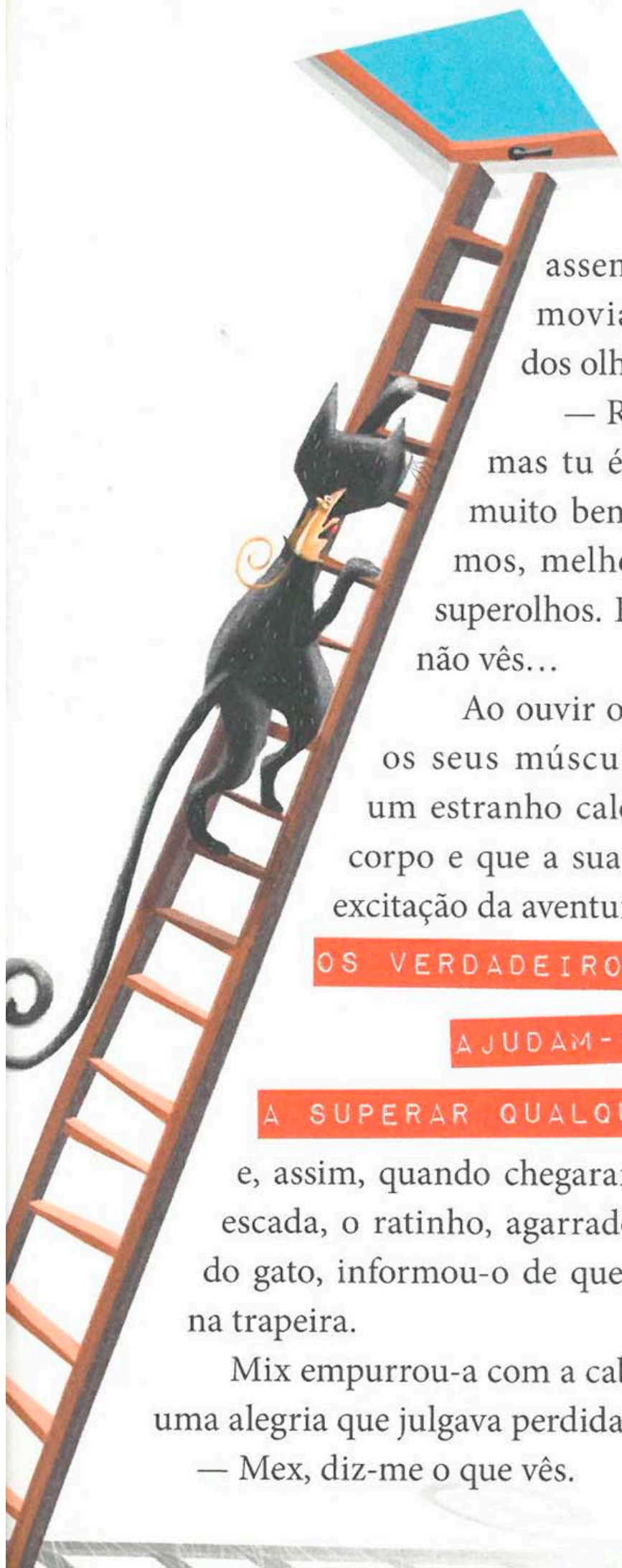
— Na verdade, interrogo-me, sem com isso querer aborrecer-te, se não gostarias de dar um passeio, um passeio curto, muito curto, curtíssimo, pelo telhado da casa. É que um bom passeio é o melhor para abrir o apetite — acrescentou o rato.

Antes de responder, Mix lembrou-se da facilidade com que subia a escada e da alegria que o embargava quando os seus pulmões se enchiam de ar fresco, frio nos invernos e refrescante nos verões.

— Não posso nem devo fazê-lo. Não saberia onde pôr as patas e, embora se diga que os gatos caem sempre de pé, acho que cair de uma altura dessas não seria o mais recomendável. Então, o que seria de ti? Não conseguirias abrir a trapeira para voltar a entrar.

O rato lamentou-se dizendo que seria muito infeliz, extraordinariamente infeliz, que seria o mais infeliz dos ratos, só e abandonado no telhado. E, enquanto o dizia,





assente nas patas traseiras, movia as dianteiras diante dos olhos sem vida do gato.

— Realmente, seria terrível, mas tu és forte, Mix, e eu vejo muito bem, tenho uns olhos ótimos, melhor do que ótimos, uns superolhos. Eu poderia ver o que tu não vês...

Ao ouvir o amigo, Mix sentiu que os seus músculos se retesavam, que um estranho calor se apoderava do seu corpo e que a sua cauda se mexia com a excitação da aventura.

OS VERDADEIROS AMIGOS

AJUDAM-SE MUTUAMENTE

A SUPERAR QUALQUER DIFICULDADE

e, assim, quando chegaram ao último degrau da escada, o ratinho, agarrado aos pelos do pescoço do gato, informou-o de que estavam quase a tocar na trapeira.

Mix empurrou-a com a cabeça e o ar devolveu-lhe uma alegria que julgava perdida.

— Mex, diz-me o que vês.





— Vejo um telhado enorme, mais do que enorme, deve ser o telhado maior do mundo, e há uns tubos que se erguem muito altos, muito altos, e no céu vejo um pássaro que voa veloz e deixa duas linhas brancas como algodão, embora, se olhar para elas com atenção, mais do que algodão pareçam duas linhas de creme branco e doce. Oh! Na verdade, são duas linhas daquele creme delicioso, muito delicioso, que havia no bolo de aniversário do Max...

Os dois amigos exploraram o telhado. Mix apoiava as suas patas seguindo os conselhos de Mex que, agarrado aos pelos do seu pescoço, lhe indicava as juntas das telhas, a proximidade da beira e a caleira de escoamento das águas, cheia de folhas secas e de pó.

— Estamos muito perto da beira, Mex?





— Oh, sim, realmente aproximamo-nos da beira e lá em baixo veem-se os contentores do lixo. É melhor retrocedermos um pouco, Mix.

Para os gatos, o telhado é um território sem limites e sempre cheio de surpresas, porque a chuva, o vento e a neve se encarregam de levar e trazer odores novos e misteriosos. No telhado, os gatos deslocam-se com total desenvoltura, deixam de lado o sigilo e, sem o pretendem, transformam-se em animais majestosos.

— Mex, os contentores, se bem me lembro, estão num beco e depois segue-se outro telhado, não é verdade?

— Realmente, depois segue-se outro telhado e depois mais outro e outro ainda...

— Queres voar, amigo?

— Oh, sim! Voar... Sempre quis ser um rato voador, o rato mais voador do mundo, mas não temos asas... Que tristeza tão grande é não possuir asas!






Mix pediu ao amigo que o ouvisse atentamente, que o observasse dos bigodes à ponta da cauda e lhe dissesse quantas vezes o seu corpo os separava do telhado seguinte. O rato desceu do pescoço e afastou-se alguns passinhos para o ver melhor e fazer o que lhe pedia.

— Eu diria que, se juntássemos seis gatos como tu, seis gatos fortes e grandes uns atrás dos outros, faríamos uma ponte que nos permitiria alcançar o outro telhado. Ai que tristeza! Vejo um único Mix, de modo que nos faltam outros cinco.

Mix, o gato cego de perfil grego, avançou com cautela até as suas patas dianteiras tocarem na beira do telhado. Apalpou o vazio e depois retrocedeu com os mesmos movimentos precisos.

— E agora, Mex, quantas vezes o meu corpo nos separa da beira?





— Duas vezes, Mix. Na verdade, do lugar onde estamos até ao outro telhado distam dois Mixes, sem contar com os teus bigodes, que ficaram no ar quando te chegaste à beira.

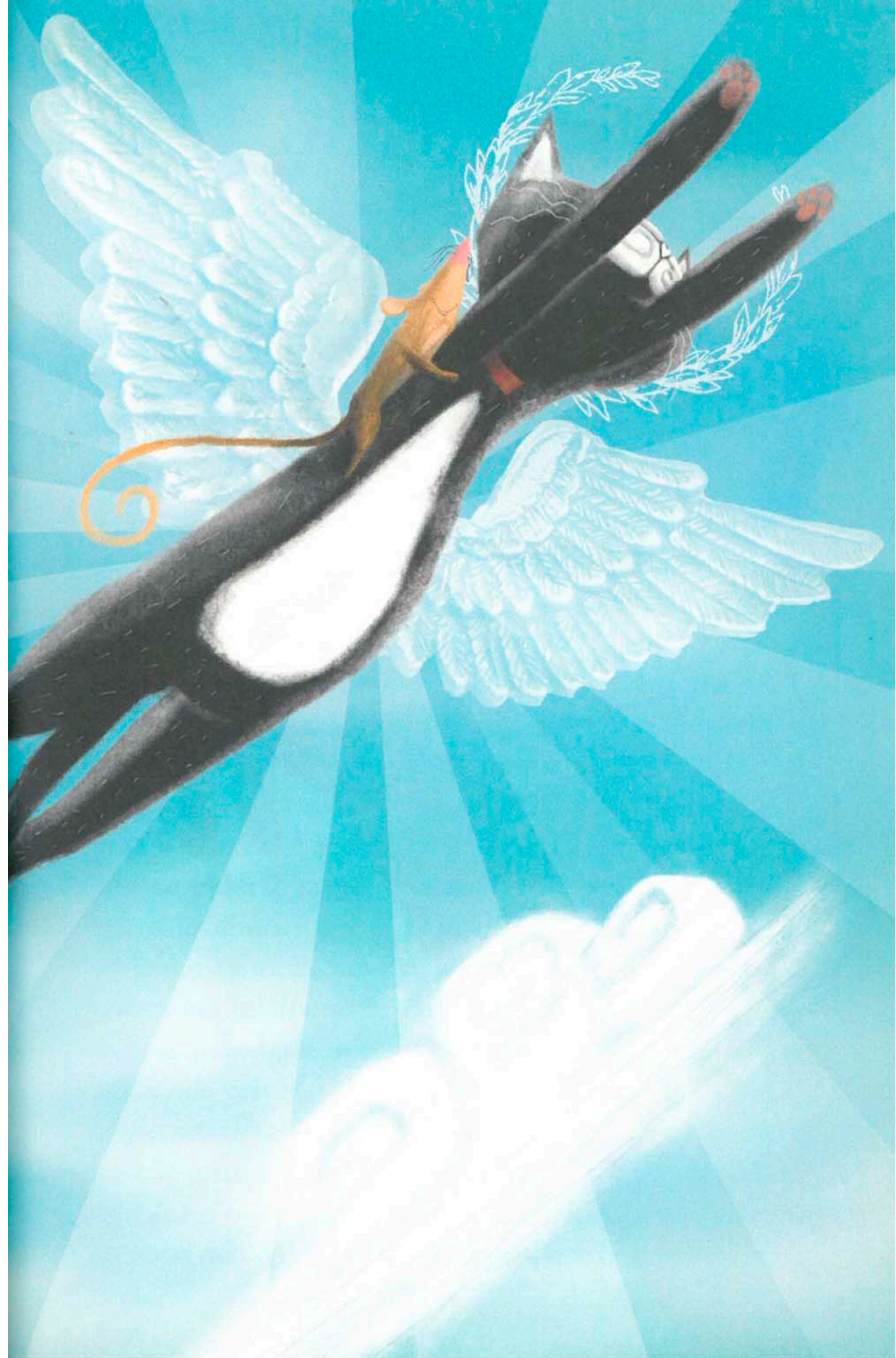
— Sobe, amigo. E agarra-te bem.

Quando o ratinho se instalou no seu pescoço, com as patinhas dianteiras agarradas com muita força aos pelos abaixo das orelhas, Mix abanou a cauda com energia, deixou que um calor familiar lhe percorresse os músculos, aproximou-se quase a rastejar do limite entre o telhado e o vazio e, com movimentos lentos, encolheu o corpo sobre as patas traseiras, esperou que toda a energia que o ligava aos grandes felinos, ao tigre, ao leão e ao jaguar, o invadisse e então saltou, esticando o corpo como uma flecha.











Foi um voo curto, mas Mix sentiu o ar que lhe batia no focinho, a elegância das suas patas dianteiras prontas a apoiar-se, a liberdade estonteante de se saber ainda capaz de saltar de um telhado para outro e, ao sentir novamente uma superfície sólida sob as patas, agradeceu ao ratinho que lhe emprestara os olhos.







Max, Mix e Mex viveram vários anos naquele apartamento de Munique. Às vezes, um carteiro, enquanto estacionava a sua bicicleta amarela, olhava para o alto e julgava ver um gato de perfil grego sentado na beira do telhado junto do que lhe parecia ser um pequeno animal de pelúcia. Outras vezes, uma vendedora de tulpas da feira dos sábados, que costumava suspirar olhando para o céu, estremeceu com o salto de um gato de peito branco e dorso preto, que saltava de um telhado para outro levando sobre o pescoço um estranho adorno castanho-claro. E, um dia, no café da praça, um limpachaminés inteiramente vestido de preto, enquanto pendurava no bengaleiro o seu chapéu cilíndrico e pedia uma caneca de cerveja, disse: «Amigos, não sei se estou a ver coisas estranhas, mas no telhado de uma casa pareceu-me ver um gato de perfil grego e um rato a admirarem o pôr do sol, e o mais curioso é que o gato parecia ouvir atentamente o rato. Venha daí essa cerveja, que bem a mereço.»



Durante o tempo que o gato e o rato compartilharam, longo ou breve, isso não tem importância porque a vida se mede pela intensidade com que é vivida, Mix viu com os olhos do seu pequeno amigo e Mex tornou-se forte com o vigor que emanava do seu amigo grande.

E os dois foram felizes, porque sabiam que

OS VERDADEIROS AMIGOS

PARTILHAM O MELHOR QUE TÊM.





# Luis Sepúlveda

## História de um gato e de um rato que se tornaram amigos



Ilustrações de

**Paulo Galindro**

Max vive em Munique com os seus pais e irmãos — e com Mix, o seu inseparável gato preto com uma mancha branca na barriga. Amigos desde a infância, quando Max cresce e decide mudar de casa, leva Mix consigo. Mix adora viver no novo apartamento. Mas quando Max começa a trabalhar e não pode estar tanto tempo em casa, Mix, que está a envelhecer e a perder a visão, sente-se cada vez mais sozinho.

Um dia, Mix ouve uns passinhos suaves vindos da despensa e descobre que há um ladrão a comer os cereais crocantes do dono. Esperto, Mix deixa-se ficar quieto e, de repente, com a rapidez de outros tempos, estica a pata e sente o corpo trémulo de um minúsculo ratinho. Mex, como é batizado, é um ratinho mexicano, muito medroso e charlatão. Mas os verdadeiros amigos apoiam-se um ao outro e juntos aprendem a partilhar o que de melhor têm dentro de si.

Baseado num episódio da vida de um dos filhos de Luis Sepúlveda, a *História de um gato e de um rato que se tornaram amigos* oferece-nos uma vez mais uma fábula singela e divertida sobre o verdadeiro valor da amizade.

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)



**Porto  
Editora**